

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 789 · €1,90 Fevereiro 2013

O Dia

A União Europeia, o trabalho e o "descanso dominical": situação e reflexão.

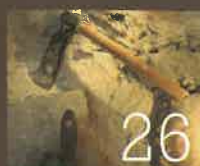
DOMINGO
SÁBADO



Encontrando o ritmo de Deus

Tornou-se o Sábado apenas na nossa imagem de marca?

12



Arqueologia – Cinco achados fascinantes

A arqueologia em defesa da Palavra de Deus.

26



Os trabalhadores na vinha

Jesus pretendeu ilustrar por esta parábola os eventos do fim dos tempos.

30

Novidade!

Área Departamental de Evangelismo

Home | Atividade | Recursos | Arquivo | Links | Contactos

Missão | Visão

Evangelismo | Escola Sabatina | Boletim Missionário | Materiais de Apoio

Evangelismo

Jesus incumbiu aos Seus discípulos a missão de evangelizar o mundo inteiro. Isto é, a todo o ser humano devia ser proclamado o evangelho de salvação.

Contudo, estamos conscientes de que esta é uma tarefa que ultrapassa os limites da capacidade humana. Só poderá ser levada a cabo com êxito se, à partida, nós estivermos presentes e o poder do Espírito Santo e o nosso coração estiver receptivo à Sua poderosa influência.

Temos a certeza de que nenhuma obra poderá ser bem sucedida, a menos que nela haja um processo de organização bem definido e estruturado, bem como uma linha de acção clara e objectiva para todos os intervenientes.

Assim sendo, este instrumento de trabalho foi concebido para ser utilizado por todos aqueles que irão estar envolvidos na área de Evangelismo, Escola Sabatina e Ministério Pessoal, no que concerne ao enquadramento e complementaridade das suas actividades, por cada membro e por todos aqueles que desejam participar na pregação do evangelho eterno.

Se houver um maior envolvimento de parte dos membros, o fardo tornará-se mais leve, e a possibilidade de terminar a tarefa muito melhor. Oramos a Deus para que esta seja feita um contributo nas mãos daqueles que cooperam com Ele na salvação de almas para a eternidade e que esta missão, em Portugal, seja grandemente abençoada.

Área Departamental de Evangelismo

Artigos Escola Sabatina

2013 - 4º Trimestre

- 01 - Sobre Cordeir, A. Sérgio
- 02 - Introdução a Deus nos Tempos
- 03 - Trabalho a Uma Hora
- 04 - Oração em Grupo
- 05 - A Vida Sob os Pés do Inc

2013 - 3º Trimestre

2013 - 2º Trimestre

2013 - 1º Trimestre

Recursos

- 2013 - 4º Trimestre
- 2013 - 3º Trimestre
- 2013 - 2º Trimestre
- 2013 - 1º Trimestre

Área Departamental de Evangelismo

Artigos Aparentados da Biblioteca

2013 - 4º Trimestre

- 01 - Sobre Cordeir, A. Sérgio
- 02 - Introdução a Deus nos Tempos

Conheça estes e outros materiais ao seu dispor!

Apontamentos da Semana

Escola Sabatina LER/PDF/PPT

Materiais de Apoio

Boletim Missionário

Visite a página da Escola Sabatina em facebook.com/escolasabatina.pt

Escola Sabatina

2023 - 4º Trimestre

EU ESTUDO A Lição!

212

55 Amigos Curtiram a Escola Sabatina

Esta semana estudámos e meditámos sobre a formação do mundo através do poder do nosso Deus criador. Começou a sua criação e criou os elementos fundamentais para a...

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

índice



ESPÍRITO DE PROFECIA

16

Estabelecendo a Igreja em terreno firme
A influência de uma profetisa

Os Adventistas do Sétimo Dia devem muito e de muitas maneiras a Ellen G. White.



INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

24

De que modo é Cristo o fim da Lei?

Na antiga literatura grega, a frase "fim da Lei" denota sempre o objetivo e o propósito da lei, nunca a sua abrogação.



PÁGINA DA CRIANÇA

34

Faz a tua parte

EDITORIAL

04 Jesus é o Fim da Lei

05 Memo

VIDA CRISTÃ

06 Celebrar Cristo na Família: Consagrados a Cristo

É preciso religião no lar. Unicamente onde Cristo reina pode haver um amor profundo, verdadeiro e altruísta.

ARTIGO DE FUNDO

08 O Dia

CIÊNCIA E RELIGIÃO

12 Imitando a Natureza – Parte VIII

O nosso estilo de vida no século XXI apresenta características que, com a tecnologia atual, parecem ser insustentáveis.

18 Notícias Internacionais

- EUA
- Mongólia

19 Notícias Nacionais

- ADRA-Norte
- Ponta-Delgada
- Braga
- Porto

SAÚDE E TEMPERANÇA

20 Vinagre: Podemos aceitá-lo na nossa mesa?

O ensino sobre a abstinência do vinagre está relacionado com os conselhos inspirados do Espírito de Profecia.

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

22 Encontrando o ritmo de Deus: O Sábado como sinal de Salvação

Será que nós, Adventistas, guardamos o Sábado apenas porque se tornou numa tradição assim fazer?

ARQUEOLOGIA

26 Cinco achados fascinantes

Descobertas arqueológicas destacam a importância das Sagradas Escrituras.

TEOLOGIA

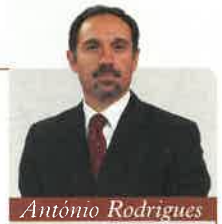
30 Os Trabalhadores na vinha
A ampla graça de Deus

Jesus contou a parábola dos trabalhadores na vinha para mostrar o alcance e a profundidade da graça salvadora de Deus.

REFLEXÃO

35 A voz na estrada

"... numa ocasião, eu tive o privilégio de ouvir a voz de Deus – ou, talvez, do meu anjo da guarda."



Antônio Rodrigues

Jesus é o Fim da Lei

“Porque o fim da Lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê” (Romanos 10:4).

Deus avisou que, no futuro, o inimigo viria a influenciar o Homem para combater a Lei de Deus: “E profetizará palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a Lei” (Daniel 7:25). Jesus também disse: “Não cuideis que vim destruir a Lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir” (Mateus 5:17). Enquanto o apóstolo Paulo disse que “o fim da Lei é Cristo” (Romanos 10:4).

Um conjunto de outros textos bíblicos asseguram-nos de que Jesus é o Autor da Lei. Entretanto, muitos tentam argumentar que Jesus veio abolir a Lei. Mas é a própria existência do Evangelho a prova de que a Lei ainda está em vigor, pois qual seria o propósito de, na pregação das boas-novas de Salvação, apontar a violação da Lei, se a Lei já não estivesse em vigor?

A Lei não está contra o homem que não a transgride. Pelo contrário, a força da Lei é sentida somente pelo transgressor.

Paulo lida com o mesmo problema em Gálatas 3:24 e 25: “De maneira que a Lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.”

Quando recebemos Cristo, não estamos mais sob o domínio (isto é, a condenação) da Lei. Mas não estamos livres da obediência à Lei de Deus, porque, aceitando Cristo, recebemos o poder divino para obedecermos a essa Lei.

Quão claro e simples é, portanto, a tese que diz que, quando aceitamos o Filho de Deus e a graça que Ele oferece, não viramos as costas à Lei. Pelo contrário, descobrimos que a justiça da Lei se cumpre em nós (Romanos 8:4). Em vez de sermos pecadores, transgressores da Lei de Deus, descobrimos que somos obedientes a essa Lei.

Deus, na Sua misericórdia, executou fielmente o Seu plano e Jesus veio até nós, pagou o preço que o pecado exigia: a morte.

Deus realizou tudo o que poderia fazer para salvar os homens da condição de pecadores. O sacrifício de Jesus foi perfeito e completo. A Sua ressurreição e ascensão confirmam e provam isto. O problema não está em Jesus. A dificuldade não está na obediência. O problema surge quando alguns querem obedecer à Lei pelas suas próprias forças, e pensam com isso estar a agradecer a Deus e a tornar-se merecedores da Salvação.

Quando nos tornarmos semelhantes a Jesus, a nossa conduta refletirá o retrato do nosso relacionamento com o Salvador. A obediência não se tornará num fardo, mas sim em alegria. O Cristão sabe que os mandamentos de Deus não são pesados, e que, como um Pai amoroso que só deseja o bem dos Seus filhos, Deus jamais nos pediria algo que não fosse para nos tornar felizes. Que possamos refletir o amor de Cristo e que a nossa vida produza o suave perfume que emana de Jesus. ✨

• **Antônio Rodrigues,**
presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

F E V E R E I R O

04 a 06	Curso de Iniciação à Colportagem
08-10	Geração Adventista em Missão
09	Oferta para a Rádio Mundial Adventista
09 a 16	Semana do Lar e da Família
10 a 12	Ação de Formação para a Colportagem
17	Encontro de Líderes JA
23	Festival do Hino
24	Conselho Nacional de Educação

M A R Ç O

02 a 12	Dia Internacional de Oração da Mulher
09-16	Semana de Oração de Jovens
15-17	Escola de Formação JA – Nível 1 RE Açores/Madeira
16	Dia Global da Juventude “Unidos na Compaixão” – Oferta do Serviço Voluntário Adventista
21	Programa do Dia Nacional da Árvore (Mordomia)
24 e 25	Ação de Formação para a Colportagem
28-31	ACRE's – Acampamentos Regionais
30	Oferta do 13º Sábado – Divisão do Sul do Pacífico

F E V E R E I R O

4-8 – Casa Publicadora Vie et Santé (EUD)
 11-15 – Casa Publicadora Saatkorn (EUD)
 18-22 – Hospital de Waldfriede (EUD)
 25-1/3 – União Franco-Belga (EUD)

M A R Ç O

4-8 – Associação do Norte da Transilvânia (RU)
 11-15 – Associação da Moldávia (RU)
 18-22 – Associação da Oltenia (RU)
 25-29 – Associação de Banat (RU)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Inextinguível
Mistério

Quem seria capaz de explicar a razão
 De Deus ter posto em risco os mundos não caídos
 Quando deixou o Céu e a Própria condição,
 Preferindo à canção de anjos os nossos gemidos?

As marcas que Jesus exhibe em cada mão,
 De cravos em lugar de quem salvou sofridos,
 Não doem como as marcas que em Seu coração
 Existirão pela saudade dos perdidos.

Meu Salvador demonstra, ao optar por espinhos,
 Riqueza que me faz questionar os valores
 Sustentados por nossa escolha de caminhos:

Sendo que o orgulho ordena a todos que subamos,
 Jesus desce e suporta agonias e dores,
 Amando com amor tal que não entendamos.

Pr. Douglas Reis

ANTENA 1

FÉ DOS HOMENS

RTP2

RTP2, a partir das 18h

ANTENA 1, a partir das 22h47

- 04/02 (segunda-feira)
- 27/02 (quarta-feira)
- 11/03 (segunda-feira)

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h
 ANTENA 1, a partir
 das 06h
 31/03 (domingo)

Envie os seus textos para:
 Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
 Publicadora SerVir, S. A.
 Rua da Serra, 1 – Sabugo
 2715-398 Almargem do Bispo
 ou para: lara.pservir@sapo.pt

Celebrar Cristo na Família

CONSAGRADOS A CRISTO

UMA VEZ CONSTITUÍDO O LAR,
COMO CONSAGRÁ-LO A CRISTO?

Alguém disse que a família tanto pode ser a melhor coisa do mundo, como a pior. Sendo uma das instituições que nos vêm do Éden (a outra é o Sábado), é, naturalmente, um alvo preferencial dos ataques de Satanás. Muitos, hoje, que rejeitam Deus, parecem ter também ódio à família como instituição. A profecia de II Timóteo 3:1-3 sobre os últimos dias refere-se a ela de uma forma muito especial. As estatísticas dizem que a porcentagem de divórcios chega a atingir os 50% (ou mesmo mais), não estando a nossa Igreja imune a este estado de coisas. Os problemas são tantos que as pessoas começam a encarar o divórcio, dentro da Igreja, como socialmente aceitável, mesmo fora dos parâmetros bíblicos. Num mundo em desagregação, também no que se refere ao lar e à família, impõe-se assim, cada vez mais, que cada crente se decida sobre qual a resposta a dar ao desafio que nos lança o apóstolo Pedro: “Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade” (II Pedro 3:11).

Desta forma, temos que pensar que, se hoje há lares cristãos degradados, isso deve-se, antes de mais, ao declínio de uma vida cristã positiva vivida entre as quatro paredes do lar. Este pode ser quer cristocêntrico, quer “tvcêntrico”. A escolha é nossa. Como afirmou o filósofo Karl Popper: “A TV, hoje em dia, é um poder colossal; pode-se mesmo dizer o maior de todos, como se tivesse substituído a voz de Deus.”

Ellen White lembra-nos o seguinte: “É precisa religião no lar. [...] Unicamente onde Cristo reina pode haver um amor profundo, verdadeiro e altruísta” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 94). Ora, isto deve ser logo decidido na altura do contrato matrimonial. Não baseado num conjunto nebuloso de sentimentos, mais ou menos superficiais e passageiros, mas assente na aprovação de Deus e segundo os princípios da Sua Palavra (II Coríntios 6:14 e 15). Diz ainda a pena inspirada: “É na hora do seu enlace matrimonial que muitos homens e mulheres datam o seu êxito ou fracasso nesta vida e as suas espe-

ranças de uma existência futura” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 43). A aprovação de Deus! Fazer diferente do mundo! Pôr Deus em tudo desde o princípio! É este o desafio que cada jovem Adventista deve enfrentar, com coragem, nesta época final de tão grande desagregação moral. “Formulai a pergunta: ajudar-me-á esta união na direção do Céu? Aumentará ela o meu amor para com Deus? Ampliará ela a minha esfera de utilidade nesta vida? Caso estas reflexões não apresentem motivos de recuo, então, ide avante, no temor de Deus” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 45). Mas, lembrem-se os jovens cristãos Adventistas de que “é mais fácil, muito mais fácil, cometer um erro do que corrigi-lo depois de cometido” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 48).

Como consagrar o lar a Cristo

Uma vez constituído o lar, como consagrá-lo a Cristo? A serva do Senhor lembra-nos de que “uma casa cristã bem ordenada é um poderoso argumento em favor da realidade



da religião cristã” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 36) e que “aquele que vive o cristianismo no lar será em toda a parte uma luz ardente e resplandecente” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 39). Em Malaquias 4:5 e 6 temos descrita a principal característica, salientada nas Sagradas Escrituras, do testemunho da Igreja remanescente, antes da volta do Senhor. A mensagem de Elias foi um apelo ao arrependimento e à conversão num tempo de grande apostasia no seio do povo de Deus (I Reis 18:21). João Batista (o novo Elias, segundo Jesus) admoestou: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:8). Como crentes da última Igreja de Deus na Terra, somos também chamados a proclamar ao mundo uma mensagem de arrependimento e conversão, centrada na aceitação de Cristo como solução para todos os problemas humanos: “Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:12). Aqui estão também os que pregam a conversão e a consagração da família a Deus, dos pais aos filhos, dos filhos aos pais, e dos esposos entre si. Podemos, assim, dizer que a família é o ponto central do grande conflito entre Cristo e Satanás, no tempo do fim.

Desta forma, se já houve tempo para um reavivamento e uma reforma na nossa vida familiar, esse tempo é hoje: família unida a Cristo e entre si pelo poder do Espírito Santo equivale a Igreja unida, condição essencial para que a última mensagem de advertência seja transmitida ao mundo. “Se houvesse mais genuína religião doméstica, mais poder haveria na Igreja. [...] Onde há falta de religião no lar de nada vale a profissão de fé” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 319).

Consagrando diariamente o lar

Como consagrar diariamente o lar a Cristo? No lar do Éden, Deus

tinha um encontro diário marcado com a família humana. Um culto familiar diário, diretamente com Deus, no meio da Natureza! O pecado fez com que este culto deixasse de ser um elemento espontâneo no relacionamento com Deus. Ora, neste tempo final do grande conflito, restaurar esse encontro diário com Deus, através do culto familiar, é essencial para a nossa salvação e para a salvação dos nossos filhos. “Pai e mãe são responsáveis pela manutenção da religião no lar” (*O Lar Adventista*, CPB, 1973, p. 321). “É esta comunhão constante, alimentada pelo encontro pessoal e familiar com Cristo através do culto diário, que restabelece a ligação com Deus que foi interrompida pelo pecado (Antônio e Paula Amorim, *Famílias Segundo o Coração de Deus*, Publicadora SerVir, 2010, p. 25).

Os resultados do estudo *Valuegenesis Europa*, na nossa União, mostram a importância da vivência da fé em família para a sua transmissão à geração seguinte, realçando o papel espiritual desempenhado pela mãe (Provérbios 22:6). Apesar de as respostas dos jovens consultados demonstrarem que há muito a fazer para aumentar a regularidade dos momentos de culto nas famílias, eles reconhecem a sua importância, bem como o quão fundamental é a oração.

A oração pessoal é, também, a respiração da alma das pessoas que vivem sós (solteiros, viúvos, divorciados) e para quem Cristo é a companhia constante e indispensável. E como essas pessoas têm tanto por quem orar! Por si mesmas, para que o Senhor as proteja e sustente; pelos seus familiares; pelos seus vizinhos; pelos seus irmãos da Igreja; pelos seus amigos descrentes. A oração de intercessão é a mais bela das orações e Deus deleita-Se nela. Ela está também na base do verdadeiro reavivamento que necessitamos de alcançar nestes tempos difíceis. “Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis

a maior e a mais urgente de todas as necessidades. Buscá-lo deve ser a nossa primeira ocupação. [...] Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração” (Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, CPB, 1966, vol. 1, p. 121).

Como diz o ditado, “família que ora unida permanece unida” entre si e com Deus. Mas, depois, os jovens crescem e os resultados de uma vida familiar consagrada a Deus, muitas vezes, parece que se esfumam. Se, no cômputo total dos batismos, a percentagem de jovens nascidos na Igreja é grande, também o é a percentagem da sua apostasia, para tristeza de todos nós. Mas estou certo de que vamos ter muitas surpresas na eternidade. Há muitos filhos pródigos por aí que, depois de “comerem muita bolota”, hão de voltar à casa paterna.

Perguntaram um dia a um jovem qual o segredo de ter conseguido resistir às tentações, mantendo a sua fé, durante os anos que tinha sido obrigado a viver fora do lar paterno, ao qual, entretanto, regressara. Ele respondeu que tinha sido a imagem que lhe ficara na mente do último culto familiar dirigido pelo seu pai e a decisão que tomara de não o fazer sofrer pelas suas (porventura, más) escolhas.

Em conclusão

Qual é a fotografia mental que os nossos filhos levarão do lar quando partirem? Qual é o espetáculo que damos aos anjos no nosso lar, que dizemos ser um lar cristão? Estudamos nele a Palavra de Deus? Ensinamo-la aos nossos filhos? Passamos tempo em oração a sós e com eles? Este é o tempo de reconstruirmos a nossa vida familiar a Deus. Só assim, nós e os nossos filhos, poderemos estar preparados para a eternidade com Cristo. ✨

• Dr. Samuel Ribeiro



O Dia

A ARREMETIDA NA UNIÃO EUROPEIA A FAVOR DO “DESCANSO DOMINICAL” GANHA ÍMPETO.

O Imperador romano Constantino foi o primeiro líder europeu a impor o descanso dominical a grande parte do Continente. Mais de 1500 anos depois, um movimento contemporâneo que pretende fazer o mesmo, começou, de novo, a ganhar ímpeto há algumas décadas, à medida que a região perseguiu o objetivo de uma maior “integração”. No entanto, nos anos mais recentes, a coligação em expansão destinada a declarar legalmente o domingo como “dia de repouso” oficial em toda a União Europeia (UE) tem-se tornado mais forte e mais aberta nos seus planos.

Sindicatos poderosos, grupos religiosos e organizações ditas da sociedade civil, todos estão a adicionar as suas vozes ao movimen-

to. Mesmo ativistas de mentalidade secular juntaram-se ao coro cada vez mais poderoso. De facto, pelo menos segundo alguns analistas, a

aliança para estabelecer o descanso dominical pode estar finalmente à beira do sucesso.

A série de acontecimentos que estão a conduzir à possível implementação do domingo como “dia de repouso” começou há quase 20 anos, com a adoção da Diretiva Europeia do Tempo de Trabalho, um mandato da UE que ordena aos governos membros a incorporação de um conjunto de padrões mínimos na legislação nacional. Desde então, a diretiva tem sido revista em diversas ocasiões. No entanto, até agora, os esforços para estabelecer formalmente o descanso dominical transversalmente a todo o bloco da União Europeia não foram bem-sucedidos.

No início de 2010, Martin Kastler, membro do Parlamento Europeu e proeminente católico alemão, lançou a primeira Iniciativa Europeia dos Cidadãos (IEC) para estabelecer um domingo livre de trabalho ao nível da UE. “Esta iniciativa irá fortalecer a democracia direta na União Europeia”, disse ele num comunicado de imprensa nessa data. “Nós queremos usar esta oportunidade para garantir um domingo livre de trabalho.”

Kastler não respondeu aos nossos repetidos pedidos de comentário até à data de publicação deste artigo. No entanto, após ter coligido cerca de 20 000 assinaturas na sua petição, a sua campanha parece ter-se malogrado – provavelmente porque o mecanismo da IEC ainda não estava plenamente em vigor. Ainda assim, apesar dos reveses, o movimento para um domingo livre de trabalho ainda não desistiu do seu objetivo.

Em mais do que em apenas alguns países e jurisdições, o esforço foi já bem-sucedido há anos ou mesmo há décadas. Por exemplo, na Alemanha, o domingo está protegido na Constituição Nacional. E com as revisões eminentes das regras europeias – e a oportunidade que elas oferecem aos ativistas – o impulso para criar um dia de repouso dominical que abranja toda a UE está novamente a ganhar força.

Em junho de 2011, uma crescente e ampla coligação conhecida como *European Sunday Alliance* (Aliança Europeia para o Domingo – AED) foi oficialmente formada para fazer avançar o projeto. Composta, primeiramente, por alianças nacionais para promover o domingo, sindicatos, organizações não lucrativas e denominações religiosas, a rede orquestrou um maciço “Dia de Ação” no dia 4 de março de 2012 para promover a sua causa. Ativistas em mais de uma dúzia de países, incluindo a Espanha, a Alema-

nha, a França, a Áustria e a Bélgica, participaram em manifestações, apelando para a implementação de restrições regionais e nacionais ao trabalho durante o domingo.

É claro que, em especial, a Igreja Católica Romana, as Igrejas Ortodoxas e muitas Igrejas Luteranas estão na vanguarda do movimento, embora este tenha agora reunido o apoio de uma ampla coligação que inclui grupos seculares. No entanto, juntamente com a Comissão Católica das Conferências de Bispos da Comunidade Europeia (COMECE), o papa Bento XVI encontra-se entre os promotores mais importantes por detrás da agenda da Aliança.

“Terça-feira, 5 de maio, nós celebramos o Dia Mundial das Famílias, estabelecido pelas Nações Unidas, e dedicado, este ano, ao equilíbrio entre dois tópicos estreitamente relacionados: a família e o trabalho”, explicou o papa Bento XVI num discurso recente no Vaticano. “Isto não devia estorvar a família, mas antes apoiá-la e uni-la, ajudando-a a estar aberta à vida e a entrar numa relação com a sociedade e a Igreja. Eu também espero que o domingo, Dia do Senhor e celebração semanal da Sua ressurreição, venha a ser um dia de descanso e uma oportunidade para fortalecer os laços familiares.”

No entanto, enquanto, no passado, os argumentos religiosos eram considerados pontos-chave de venda das ideias do movimento dominical, hoje, o esforço consiste em usar justificações que vão da saúde e dos direitos dos trabalhadores à promoção do tempo familiar e da coesão social. Entretanto, a religião e a noção de que a maioria dos Cristãos adora ao domingo foram quase totalmente substituídas por expressões retóricas como “tradição” e “cultura” ou mesmo “tradição cultural”.

A Aliança e a sua missão

“O intento da aliança não é religioso; é mais acerca da coesão

social,” diz-nos Johanna Touzel, a porta-voz e responsável pelo contacto com a comunicação social da Aliança Europeia para o Domingo. “O nosso esforço está baseado, primeiramente, sobre três pilares”, acrescentou ela: “promover a saúde e o bem-estar do trabalhador, garantir tempo adequado para a vida familiar e aumentar a coesão social ao permitir aos cidadãos terem um dia comum para o desporto, as atividades culturais, a realização religiosa e espiritual, o trabalho voluntário e outras coisas mais.”

Segundo Touzel e a Aliança, a liberalização dos horários laborais para satisfazer a “sociedade de consumo” está a ter efeitos prejudiciais sobre as famílias e a saúde. Em anos recentes têm até sido publicados estudos “provando que existe um elo entre a saúde dos trabalhadores e o trabalho ao domingo – estudos científicos”, afirma Touzel. “E também está provado que existe uma necessidade de coesão na sociedade, que pode apenas acontecer se se tem um dia de repouso comum.”

“Durante séculos, o domingo foi tradicionalmente considerado o dia de repouso na Europa; é por isso que é o dia ideal para instituir na lei da UE”, opina ela. “O que é importante é guardar um dia de repouso comum – não é nada contra os Muçulmanos ou contra os Adventistas do Sétimo Dia”, nota Touzel, acrescentando que, se a maioria dos Europeus escolhessem o sábado em vez do domingo, isso também seria ótimo.

De qualquer modo, a UE, claro está, não possui autoridade legal em assuntos do foro religioso, e a Aliança aprecia que seja assim, diz ela, acrescentando que os assuntos religiosos devem permanecer no domínio dos governos nacionais, de acordo com o princípio de subsidiariedade. “O que é importante mencionar é que a nossa motivação principal não é religiosa, porque nós



não queremos que a União Europeia tome posições baseadas em fundamentos religiosos”, diz ela. “Nós apenas dizemos que esta questão é, primeiramente, social – é sobre a coesão social e sobre saúde.”

As pessoas ricas, diz Touzel, podem ir jogar golfe ao domingo. Mas aos pobres frequentemente falta essa liberdade. “Não nos esqueçamos de que aquelas pessoas que trabalham ao domingo muitas vezes não têm escolha – elas estão novamente a tornar-se nas escravas que a Bíblia queria evitar ao dizer que neste dia [o Sábado – Êxodo 20:8] não há mais escravos e senhores. Nesse dia todos são livres”, continua ela. “Nós precisamos de reintroduzir solidariedade na sociedade e dizer que, nesse dia, todos estão ao mesmo nível.”

Quando questionada acerca dos oponentes, Touzel enfatiza que o repouso dominical só seria incluído na legislação com uma advertência-chave: “em princípio”. Essencialmente isto significa que não seria uma lei estrita com execução obrigatória. “É claro que haveria muitas exceções”, acrescenta, fazendo notar que os principais alvos seriam as grandes empresas, como as cadeias de hipermercados, que forcem os pequenos negócios a estarem abertos ao domingo para evitarem perder a sua quota de mercado.

Além disso, o repouso ao domingo é apenas uma componente da mais ampla Diretiva do Tempo de Trabalho. A própria Aliança foca-se noutros assuntos, como os horários de trabalho tardios e as condições laborais. Mas, preservar

um dia comum de repouso, mesmo que apenas “em princípio”, é um ponto-chave para o bem-estar geral da sociedade, diz Touzel.

“A ideia da Aliança Europeia para o Domingo é reunir todas estas ideias – também todos os sucessos que alcançamos nas diferentes legislações nacionais – para mostrar que temos um líder comum entre os diferentes Estados membros”, disse Touzel. “Assim sendo, vamos todos unir-nos para pedir à União Europeia – ‘pressionar’ não é uma palavra bonita – que respeite, na sua legislação, este dia de repouso.”

A seguir

“Uma maioria de grupos políticos já apoiam a Aliança”, diz Touzel, citando os Verdes, os Conservadores, os Sociais-Democratas e outros. Mas ainda há trabalho a fazer. “Estamos a tentar mobilizar todos os partidos políticos, os cidadãos e as diferentes organizações da sociedade civil para mostrar que há mesmo prova científica de que o trabalho nos fins de semana – aos domingos – está a prejudicar a saúde das pessoas”, diz. “No contexto da corrente crise económica, eu penso que toda a gente percebe que a sociedade é mais do que apenas um conjunto de consumidores. Portanto, penso que a nossa Aliança veio exatamente no momento certo.”

Agora mesmo, sindicatos, empregadores e outros detentores de interesses estão em busca de um acordo sobre a implementação de revisões à Diretiva Europeia do Tempo de Trabalho. Se esse acordo for alcançado, as instituições da UE irão presumivelmente ratificá-lo. No entanto, é esperado que alcançar um acordo seja difícil. O resultado mais provável seria que a proposta fosse assumida pela Comissão Europeia, dizem os analistas.

Se as partes “sociais” não chegarem a um acordo, o esboço da

diretiva será encaminhada de volta para a Comissão Europeia – que é, essencialmente, o ramo executivo da UE. Se for aprovada, ela irá para o Parlamento Europeu. O Conselho de Ministros, representando os governos membros, também terá algum peso na decisão. Daí, assumindo que os outros corpos governantes da UE concordem, as revisões podem tornar-se oficiais.

No entanto, mesmo se a implementação do repouso dominical não resultar das vias políticas mais tradicionais, Touzel afirma que a Aliança pode tentar uma Iniciativa Europeia dos Cidadãos (IEC) – um conceito relativamente novo, que começou a ser aplicado apenas recentemente. Se os apoiantes do repouso dominical puderem reunir pelo menos 1 milhão de assinaturas coligadas de nove Estados membros, a UE seria forçada, ao menos, a considerar a implementação de uma ação legislativa.

“Esta podia ser uma segunda ferramenta, que poderíamos usar para pressionar a Comissão Europeia”, explica Touzel. “É realmente uma iniciativa difícil, mas nós considerá-la-emos, se a outra via não funcionar.”

A oposição

Apesar do aparente apoio amplo para a implementação do repouso dominical, existem oponentes. Aparentemente, o governo do Reino Unido tem lutado com vigor contra muitas das restrições da UE sobre o horário de trabalho – especialmente o limite de 48 horas por semana. Conseguiu até obter exceções a alguns dos mandatos, embora isso tenha estado debaixo de fogo desde há algum tempo.

Também se diz que numerosos empregadores do comércio a retalho têm combatido o esforço da Aliança, porque muito do seu lucro vem dos compradores de domingo – muitos dos quais também gostam

de poder fazer compras ao domingo. Os libertários, que discordam de qualquer mandato, opõem-se às regras em princípio, embora a sua oposição não se tenha feito sentir muito até agora.

Claro está, há também os grupos religiosos. Os Judeus e alguns Cristãos – sobretudo os Adventistas do Sétimo Dia – observam o Sábado bíblico e adoram, portanto, ao Sábado. Entretanto, os Muçulmanos adoram à sexta-feira e o Islão tornou-se numa minoria poderosa e de tamanho considerável em toda a Europa nos tempos mais recentes.

“Nós temos um elemento que é válido para todos os cidadãos europeus: liberdade de prática de religião”, diz Serge Cwajgenbaum, secretário-geral do Congresso Judeu Europeu. “Ter um dia comum Europeu específico para todos os cidadãos Europeus iria, provavelmente, criar mais problemas do que resolve.”

Segundo Cwajgenbaum, que diz que os Judeus estão largamente satisfeitos com o *status quo* e gostariam de o manter, selecionar um dia de repouso específico para toda a UE poderia antagonizar vários grupos e seguidores de várias confissões religiosas. “Iria criar mais problemas, e nós temos problemas suficientes na Europa – tensões suficientes”, acrescenta. “Não penso que isso faça qualquer bem ou traga mais harmonia à Europa.”

Apesar de repetidos pedidos de comentário, nenhuma das principais organizações islâmicas na Europa respondeu até à data de impressão deste artigo. No entanto, apesar de algumas exceções, os analistas pensam, geralmente, que os muçulmanos se opõem à noção de se legislar um descanso dominical.

Enquanto a maioria dos responsáveis Adventistas do Sétimo Dia europeus que falaram com a *Liberty* reconhecem as questões legítimas sobre a saúde e a família

levantadas pelos proponentes do descanso dominical, eles também exprimiram sérias preocupações. “O problema virá quando os Adventistas que agora trabalham aos domingos, de modo a terem o Sábado livre, se virem confrontados com o pedido para trabalharem ao Sábado,” diz o Pastor Karel Denteneer, responsável pelos Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa na Conferência Belga-Luxemburguesa da Igreja ASD.

A ideia de um dia para toda a sociedade descansar é, claro está, bíblica, faz notar Denteneer – pelo menos no antigo Israel, num contexto judaico. Mas, “impor isto, hoje, na nossa sociedade, a descrentes, a guardadores da sexta-

outros observarão o domingo por razões sociais práticas – aqueles marcados na mão direita”, explica Denteneer.

O maior risco, neste momento, continua Denteneer, é que algum dia a “Democracia” possa vir a sacrificar os princípios básicos da liberdade religiosa sob o disfarce de um “motivo superior”. E este perigo potencial é, de facto, real. Na realidade, ele pensa que o esforço de implementação do descanso dominical – porque se constrói sobre uma ampla plataforma de crenças e não crenças através de todos os 27 Estados membros da UE – irá eventualmente ter sucesso.

“Por essa razão, a nossa Igreja continuará, com mais zelo do que

“O problema virá quando os Adventistas que agora trabalham aos domingos, de modo a terem o Sábado livre, se virem confrontados com o pedido para trabalharem ao Sábado.”

-feira e guardadores do domingo, e a tantas outras religiões, está diametralmente em oposição aos princípios básicos de liberdade religiosa, que garantem a liberdade de crença”, acrescenta. “Pelo que eu acho que iremos continuar a viver nesta tensão entre promover o dia de Sábado bíblico e respeitar todas as outras observâncias.”

Denteneer também faz notar que os teólogos ASD tradicionais interpretam as profecias de *Daniel* e *Apocalipse*, bem esboçadas nos escritos de Ellen White, a pioneira da Igreja e visionária, como apontando para uma oposição entre o Sábado e o domingo, oposição que desempenhará um papel crucial nos últimos dias antecedendo a vinda do Senhor. “Segundo esta interpretação, alguns observarão o domingo por motivos religiosos – aqueles marcados na testa – e

nunca, a tomar uma posição em favor da liberdade religiosa. Nós deveríamos tentar envolver-nos ainda mais no debate a um nível oficial”, diz Denteneer.

Está claro que o esforço para estabelecer o domingo como um dia de repouso sancionado pelo Estado não está limitado à Europa. Nos Estados Unidos, um movimento para se obter restrições similares em forma de lei está também a crescer em força. No entanto, pelo menos por agora, o epicentro primário do combate entre os oponentes e os apoiantes do descanso dominical parece estar centrado em Bruxelas. ♣

• Alex Newman
Jornalista

Artigo publicado originalmente na revista sobre liberdade religiosa *Liberty*. No próximo número da Revista Adventista sairá um artigo sobre o Sábado e o trabalho em Portugal.

Imitando a Natureza

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e vamos verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

Nesta série de artigos, que se encerra com o artigo deste mês, aprendemos como utilizar os ensinamentos da Natureza para inspirar avanços tecnológicos. Explicamos como tem havido um ressurgimento sobre este tema e como esta ideia foi batizada num livro publicado em 1997 (na figura¹) com o nome de Biomimética. Biomimética significa literalmente “A Ciência da Imitação da Natureza”.

Ao longo dos últimos meses, vimos como:

- Alimentar o mundo sem destruir a Natureza.
- Gerar energia de forma mais limpa e eficiente.
- Fabricar produtos de modo mais eficiente.
- Curar doenças de forma mais eficaz.

- Armazenar conhecimento de modo mais produtivo.
- Utilizar os princípios da Natureza na economia e na gestão.

Este mês, pretendemos extrair algumas conclusões finais para os crentes do século XXI, a partir das informações apresentadas nesta série de artigos.

Um Mundo Insustentável

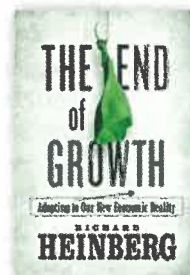
Não é novidade para ninguém que o nosso estilo de vida no século XXI apresenta características que, com a tecnologia atual, parecem ser insustentáveis. Isto é, estamos a utilizar recursos não renováveis de forma mais rápida do que desenvolvemos tecnologia que os possam substituir, e estamos a acumular poluentes também de forma mais rápida do que desenvolvemos tecnologias de despoluição.

É certo que, após a crise financeira de 2008, cujos efeitos ainda estamos a sentir, houve um claro abrandamento do ritmo de crescimento das economias mundiais e, com ele, uma diminuição da pressão sobre a exploração dos recursos naturais.

O Fim do Crescimento?

Alguns falam do “Fim do Crescimento”,² como, por exemplo, o livro de Richard Heinberg com esse mesmo título. Nele discute-se como esse facto inevitável poderá levar a convulsões tremendas, provocadas pelo reajustamento das economias tal como as conhecemos atualmente.

É provável que esta desaceleração não seja realmente o “fim do crescimento”, mas ape-





nas uma trégua temporária. De qualquer forma, mesmo com menor procura de produtos naturais, a degradação de muitos *habitats* naturais e o desflorestamento, ainda que a menor ritmo, continuam a acontecer.

De um ponto de vista religioso e profético, temos razões para crer que as coisas não poderão continuar assim por muito mais tempo.

Alguns consideram, por isso, que devemos encarar com menos receio do que outros o facto de as nossas práticas serem insustentáveis. Mas tal perspetiva não me parece ser uma abordagem adequada.

Os Mordomos da Criação

De um ponto de vista bíblico, temos uma responsabilidade para com a Natureza, não porque somos iguais a ela, ou porque ela tem algo de intrinsecamente divino, como afirmam os panteístas, mas sim porque inicialmente fomos dada a capacidade de a dominar, e porque ela foi criada para o Homem.

Mesmo após a entrada do pecado nesta Terra, continuamos a ser os “Mordomos da Criação”. Por isso, fazemos bem se considerarmos o impacto das nossas ações e se procurarmos minimizá-lo. Deveríamos viver segundo o princípio de deixarmos o mundo um pouco melhor do que o encontramos.

Será ético gastar os recursos de forma a esgotá-los, não permitindo que as gerações futuras tenham as mesmas oportunidades de acesso a materiais e energia que nós ti-

vemos? Não falo de embarcarmos levemente, por exemplo, na última “moda” em relação às energias renováveis, mas de procurarmos alternativas que realmente possam resolver os problemas.

A Bíblia possui esta ideia de renovação: “Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os moços certamente cairão; Mas os que esperam no SENHOR renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão” (Isaías 40:30 e 31). Uma abordagem renovável à exploração da Terra deveria permitir realmente que esta “não se cansasse”.

O que fazer? Como abordar este tema de uma perspetiva cristã e bíblica?

Acreditamos que a Biomimética ou as suas variações, como, por exemplo, a “Engenharia inspirada na Natureza”, que foram apresen-

tadas nesta série de oito artigos, podem ser parte da resposta e são um bom ponto de partida para um Cristão, pois apoiam-se numa das revelações de Deus para o Homem – a Criação.

Ambientalismo

A nossa visão, enraizada na Palavra de Deus, não considera o Homem em pé de igualdade com a Natureza e muito menos afirma que o Homem deve, de alguma maneira, “servir” a Natureza, como parece ser o desejo de alguns grupos de pressão.

Existem grupos auto-denominados “ambientalistas”, que defendem, explícita ou implicitamente, uma redução radical da população da Terra, como forma de controlar os problemas ambientais.³ Chegam a ir ao ex-



tremo de propôr o alcance deste objetivo através da propagação deliberada de doenças, como o vírus do Ébola.⁴ Isto deveria chocar qualquer ser humano, especialmente os que se intitulam Cristãos. Trata-se de uma espécie de ambientalismo anti-humano.

Outros grupos misturam ambientalismo com misticismo, defendendo teorias, como a chamada “Hipótese de Gaia”, segundo a qual a Terra é, na verdade, um ser vivo – Gaia. Estas ideias chegam a ser, em alguns casos, declaradamente panteístas.

Uma outra fonte clássica destas ideias mais radicais é a obra de Peter Singer intitulada *Animal Liberation* (Libertação Animal), publicada em 1975, e que tem servido como base

para muitos destes movimentos.

O Ambientalismo Bíblico

O ambientalismo bíblico é uma defesa do papel do ser humano na sua relação com a Terra, da sua na-

tureza especial – qualitativamente superior ao resto da Criação – mas também da sua responsabilidade de preservar e cuidar da Terra, bem como o reconhecimento da natureza caída deste mundo.

“De nenhuma outra maneira poderá o fundamento de uma verdadeira educação ser lançado tão firmemente, tão seguramente. Todavia, a própria criança, quando em contacto com a Natureza, terá motivos para perplexidade. Não poderá deixar de reconhecer a operação de forças antagónicas. Aqui é que a Natureza necessita de um intérprete. Olhando para o mal, manifesto mesmo no mundo natural, todos têm a mesma triste lição a aprender: ‘Um inimigo é quem fez isso’ (Mat. 13:28).” Ellen White, *Educação*, Cap. 10, p. 101.

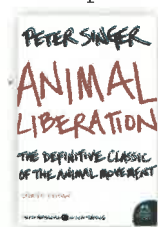
Enchendo a Terra

O homem foi criado para uma função muito clara e importante na sua relação com a Natureza. “E tomou o SENHOR Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o la-

rrar e o guardar” (Gênesis 2:15). E recebeu a seguinte ordem: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a Terra” (Gênesis 1:28).

Como mencionado no artigo de maio, dizem os estudiosos que o sentido do hebraico original do texto bíblico de Gênesis 1:28 – “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra” – não implica apenas o sentido literal de multiplicação, mas tem o sentido de “completar”. Dizem os mesmos especialistas que o texto poderia ser parafraseado por “Frutificai e multiplicai-vos, e **completai a Terra**”.⁵

Por isso, o ambientalismo com base bíblica é um ambientalismo onde existe um lugar para o Homem. Ao contrário do ambientalismo contemporâneo, onde o Homem é quase um intruso indesejável, estando, no melhor dos casos, ao mesmo nível de um animal



ou de uma planta, tendo por isso de ser eliminado, caso o ecossistema não pareça ter capacidade de o sustentar.

Temos uma mensagem para o mundo, uma mensagem de equilíbrio, uma mensagem que diz que, se olharmos para a Criação como a obra de Deus e aplicarmos princípios de justiça e respeito, conseguiremos um Planeta mais justo, mais humano e, no final, também mais sustentável.

Na medida, claro está, em que estas coisas sejam possíveis num mundo poluído pelo pecado. Sabemos que a verdadeira sustentabilidade só será possível no final do Grande Conflito, com a restauração da Terra ao seu estado original.

O Jardim do Éden era sustentável de um modo que não compreendemos. Isso será restabelecido e poderemos, nesse momento, compreender melhor o que é um *habitat* verdadeiramente sustentável.

Procurando adaptar o princípio do ambientalismo bíblico à realidade da nossa sociedade, a Igreja Adventista publicou uma declaração sobre o que considera ser o ambientalismo correto e o comportamento adequado do crente. Essa declaração afirma o seguinte:

“Os Adventistas defendem um estilo de vida simples e saudável, no qual as pessoas não participam da rotina do consumismo desenfreado, do acúmulo de bens e da produção exagerada de lixo. Pedimos que haja respeito pela Criação, restrição no uso de recursos naturais, reavaliação das necessidades e reiteração da dignidade da vida criada” (Declaração divulgada durante a Assembleia da Conferência Geral realizada em Utrecht, Holanda, de 29 de junho a 8 de julho de 1995).⁶

Para Além da Biomimética

Como temos explicado nesta série de artigos, a Biomimética, sendo baseada na Natureza criada por



Deus, pode ajudar-nos a cumprir este ideal.

Que Deus nos ajude a utilizarmos as maravilhas da Sua Criação como forma de fortalecimento da nossa fé, como mecanismo de testemunho para os outros, nomeadamente para os cientistas e tecnólogos, e como forma de alívio das consequências do pecado nesta Terra – a pobreza e o sofrimento.

Mas chegou o momento de a própria Biomimética avançar para o estágio seguinte. No artigo de novembro, falei de como, há alguns meses, – integrado num programa de visitas científicas e empresariais – tive o privilégio de visitar o *Wyss Institute*, na cidade de Boston.⁷

O paradigma de 1997 da Biomimética está a ser suplantado, atualmente, pelo que os técnicos do *Wyss* gostam de chamar “Engenharia Inspirada na Natureza”.

Eles rejeitam o rótulo de *Biomimética*, porque, de certa forma, consideram que não estão a imitar a Natureza, mas sim a inspirar-se nela, a aprender com ela, para que, utilizando a criatividade do ser humano, possam ser criadas tecnologias mais avançadas.

Assim é a Ciência. Uma ideia

surge em 1997 e, menos de 15 anos depois, já se encontra suplantada por um conceito diferente, mais sofisticado.

Pelo contrário, as nossas crenças no poder criativo de Deus e no Seu amor por nós permanecem inalteradas e bem firmes, graças ao cimento da fé.

Que Deus utilize estes artigos para fortalecer esse cimento em cada um dos leitores. ♣

• Miguel Mateus

*Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica;
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration*

1. Adaptado de Janine Benyus, *Biomimicry*, Harper, 1997. Em Português: *Biomimetismo*.
2. Richard Heinberg, *The End of Growth – Adapting To Our New Economic Reality* (O Fim do Crescimento – Adaptando-nos à Nossa Nova Realidade Económica), New Society Pub., 2011.
3. Esta realidade foi imortalizada num romance com base em factos reais de Jean Christophe Rufin, *O Perfume de Adão*, Editora Asa, 2010.
4. Este parece ser o caso, por exemplo, do Professor Eric Pianka, que terá defendido, numa conferência, uma redução de 90% da população através, por exemplo, de uma doença propagada por via aérea, como o vírus do Ébola. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Eric_Pianka, consultado em 10 de dezembro de 2012.
5. Lição da Escola Sabatina de 23 de fevereiro de 2012.
6. Declaração citada na Lição da Escola Sabatina de 20 de fevereiro de 2012.
7. <http://wyss.harvard.edu/>.



Estabelecendo a Igreja em TERRENO FIRME

A influência de uma profetisa

Os Adventistas do Sétimo Dia devem muito e de muitas maneiras a Ellen G. White (1827-1915). Sem os seus conselhos práticos e sem a sua influência positiva, a Igreja Adventista do Sétimo Dia seria, sem dúvida, muito diferente do que é hoje. Tomemos em consideração várias das contribuições de Ellen White:

1. Aceitação da Bíblia como a autoridade final. Ellen White exaltou constantemente a Bíblia como sendo a autoridade final para toda a fé e prática. Ela escreveu certa vez: “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior” (*O Colportor Evangelista*, CPB, 6ª ed., p. 125). A sua profunda apreciação Sagradas Escrituras e a aceitação confiante de tudo o que aí se encontra escrito tornou-se num modelo para os Adventistas do Sétimo Dia, de modo que estes se tornaram no “povo do Livro”. As nossas doutrinas estão baseadas, não em visões de Ellen White, mas num estudo profundo da Palavra de Deus.

2. Confirmação da verdade bíblica e guia na compreensão de nova luz. Ellen White desempenhou um papel significativo em firmar importantes verdades bíbli-

cas na consciência coletiva dos Adventistas do Sétimo Dia. Através delas, Ellen White ajudou-nos a aprofundarmos o nosso amor por Jesus Cristo e por todo o ser humano que, sem Ele, se perde. A sua paixão pelo evangelismo moldou a espiritualidade Adventista, desde o seu início até aos dias de hoje.

3. Compreensão do grande conflito entre Cristo e Satanás. As suas perspectivas inspiradas a respeito do plano da Salvação e do grande conflito entre Satanás e Cristo deram aos Adventistas do Sétimo Dia um conhecimento teológico único da salvação oferecida por Deus e da Sua solução para o problema do pecado. A atenção que deu à mensagem profética bíblica, especialmente aos livros de Daniel e Apocalipse, moldou a nossa mensagem e identidade.

4. Ancoragem da mensagem central da justificação pela fé.

Sem Ellen White, a mensagem central da justificação pela fé não teria tido sucesso, nem ganho um papel tão proeminente na nossa Igreja. O seu reconhecimento e a sua promoção da verdade da justificação pela fé, enfatizada por A. T. Jones e E. J. Waggoner na Assembleia de 1888 da Conferência Geral, deram um grande ímpeto a esta mensagem.

5. Apresentação de uma mensagem de saúde holística e promoção de um estilo de vida saudável. Numa época em que o consumo diário de carne era típico dos Norte-americanos, Ellen White promoveu uma dieta vegetariana e inspirou uma revolução no domínio da alimentação saudável, que começou com o Dr. John Harvey Kellogg e a sua criação dos *cornflakes*. Numerosos sanatórios inovadores foram estabelecidos para promoverem uma vida saudável. Estudos de saúde e de longevidade realizados em diversos países indicam que, em média, os Adventistas do Sétimo Dia vivem sete a doze anos mais do que a população geral. Nenhuma outra Igreja Protestante opera tantos hospitais, centros médicos e indústrias de alimentação saudável como os Adventistas do Sétimo Dia.

Fazendo **CRESCER** discípulos para Cristo

	LEITORES	NÃO LEITORES
Forte relação com Jesus	85%	59%
Segurança de estarem em paz com Deus	82%	59%
Estudo pessoal diário da Bíblia	82%	47%
Apoio financeiro regular para o evangelismo	76%	46%
Realiza o culto familiar diário	70%	42%
Deu estudos bíblicos a não Adventistas no ano passado	45%	26%
Converteu alguém para Cristo nos últimos três anos	46%	33%
Encontra-se regularmente com um pequeno grupo de estudo ou de comunhão	40%	20%

6. Promoção da educação cristã. Ellen White tinha um grande interesse na educação e promoveu um conceito abrangente de educação cristã. Ela também chamava a atenção para a importância do lar na educação das crianças e deu conselhos valiosos sobre questões pedagógicas. Por causa da sua influência, os Adventistas do Sétimo Dia possuem o maior sistema de educação protestante do mundo.

7. Construção de um ministério de publicações mundial. A produtividade literária extraordinária de Ellen White¹ e os seus conselhos acerca da importância da Palavra Escrita ajudaram os Adventistas do Sétimo Dia a construir um ministério de publicações mundial, que promove e distribui literatura e valores cristãos, incluindo a *Revista Adventista* americana (fundada em 1849) e a revista *Mundo Adventista* (fundada em 2005).

8. Estabelecimento de uma organização e de uma estrutura eficientes a nível mundial. Os conselhos de Ellen White ajudaram a estabelecer uma organização e estrutura eclesial eficientes, as quais permitem à Igreja Adventista do Sétimo Dia manter uma missão mundial, atualmente em mais de 200 países.

Uma Igreja sem uma profetisa

Se eu quisesse considerar o que seria a Igreja Adventista do Sétimo Dia sem a influência positiva de Ellen White, não teria que procurar muito para me deparar com uma comparação extraordinária: a Igreja Cristã do Advento. Eles são Adventistas observadores do domingo, que também traçam as suas origens até ao movimento Millerita. Um pouco depois do Grande Desapontamento de 1844, eles tinham um número estimado de 30 000 a 50 000 membros. Hoje, eles têm cerca de 75 000 membros em 30 países.

Quando a nossa Igreja foi organizada, em 1863, existiam cerca de 3500 Adventistas do Sétimo Dia. Hoje, nós somos mais de 17 milhões de membros, em mais de 200 países. Uma diferença importante entre os dois grupos é esta: os Cristãos do Advento rejeitaram o ministério profético de Ellen White.²

O impacto de Ellen White na nossa experiência espiritual

Uma das bênçãos mais extraordinárias que a Igreja Adventista do Sétimo Dia recebeu através do ministério de Ellen White é o impacto positivo que proporciona para a nossa experiência espiritual individual e coletiva. Há alguns anos, a Divisão Norte-americana realizou uma extensa pesquisa sobre o crescimento da Igreja. Parte da pesquisa lidava com a questão de saber se os membros de Igreja que liam os escritos de Ellen White regularmente diferiam significativamente daqueles que raramente o faziam. As respostas de mais de 8200 Adventistas do Sétimo Dia revelam alguns resultados fascinantes (ver a tabela).

Em todas as 11 outras categorias, aqueles que liam Ellen White

regularmente posicionavam-se significativamente acima dos que os que não a liam com assiduidade.³ Os escritos de Ellen White encorajam o estudo pessoal da Bíblia, conduzem a uma experiência espiritual mais rica, aprofundam a relação pessoal com Jesus Cristo, e motivam os membros para serem ativos na missão.

Ellen White não substitui a Bíblia. Pelo contrário, ela exalta a Bíblia e ajuda-nos a levar a sério a Palavra de Deus. O seu ministério foi um presente de Deus à Igreja Remanescente no final dos tempos. Por isso, a palavra bíblica no segundo livro de Crônicas 20:20 é ainda relevante hoje: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados.”

· **Frank M. Hasel**
Doutor em Teologia

1. Ellen White escreveu mais de 5000 artigos e 40 livros e é considerada a escritora americana mais traduzida.

2. James R. Nix, “The Light Still Shines”, palestra devocional proferida durante a reunião de primavera do Conselho da Conferência Geral, em 15 de abril de 2004.

3. Cf. Roger L. Dudley e Des Cummings, Jr., “Who Reads Ellen White?”, *Ministry*, outubro 1982, pp. 10-12.



O orçamento mundial para 2013 da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Foi aprovado, a 27 de dezembro de 2012, o orçamento da Conferência Geral. O orçamento da sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia destina-se a financiar não apenas a sua operação, mas também a operação administrativa das Missões espalhadas pelo mundo e o envio de missionários. Este ano, o orçamento atinge a soma de 174 milhões de dólares, atribuindo cerca de 42,4 milhões de dólares a campos missionários fora da América do Norte. Além deste valor, ainda 28,5 milhões de dólares serão empregues para financiar o envio de missionários e de empregados que servem noutras Divisões.

Os custos de operação da sede mundial em Silver Spring, Maryland, EUA, estão limitados a 2 por cento do dízimo mundial, o que, em 2013, corresponderá a 44 milhões de dólares.

Mas os responsáveis pela tesouraria da Conferência Geral afirmam que os gastos com a operação da sede mundial ficarão muito abaixo desse valor, sobrando assim mais dinheiro para ser investido nas Missões. Com as Divisões que receberão fundos da Conferência Geral, serão gastos valores que oscilam entre 1,3 milhões e 4,8 milhões de dólares. O orçamento da Conferência Geral também financia a operação de várias instituições ligadas à sede mundial. Entre outras, as seguintes instituições Adventistas receberão fundos do orçamento da Conferência Geral: A Universidade de Loma Linda (8,3 milhões de dólares), a Revista *Mundo Adventista* (5,5 milhões de dólares), a Universidade de Andrews (4,9 milhões de dólares), o *Hope Chanel* (4,7 milhões de dólares) e a Rádio Mundial Adventista (2,3 milhões de dólares).

ANN/RA

Na Mongólia, a aquisição de propriedades em 2012 prepara a Igreja para o crescimento

A Missão Adventista do Sétimo Dia na Mongólia adquiriu cinco novas propriedades em 2012, procurando expandir os seus serviços à comunidade e buscando alargar as suas infraestruturas.

Apenas presente no país desde a década de 1990, a Igreja ASD na Mongólia tem 24 congregações e perto de 2000 membros. Graças ao apoio internacional, aos recentes investimentos em terrenos e em templos e graças também a um plano para criar novos centros comunitários, a Igreja está a preparar-se para ser mais eficaz na sua missão evangelizadora. O objetivo é o crescimento em número de membros. Elbert Kuhn, presidente da Missão, diz que está planeado construir-se cerca de 15 centros comunitários no país nos próximos quatro anos.

O empenho da Missão no evangelismo está paulatinamente a dar resultados. Em outubro de 2012 foi dedicado o edifício da Igreja ASD na província de Övörkhangaí e, em janeiro de 2013 será dedicada a Igreja ASD na capital, Ulan Bator.

Em 2012, a Missão adquiriu também um lote de terra com 600 metros quadrados na província de Khentii e um lote de 500 metros quadrados na província de Arkhangai. A Missão comprou igualmente um lote e um edifício na cidade de Erdenet, a segunda maior cidade do país.

Muitos destes desenvolvimentos, diz Elbert Kuhn, o presidente da Missão, são o resultado de uma parceria entre a Mis-



são da Mongólia e a União da Austrália. Segundo ele, uma firma de construção civil australiana, pertença de um Adventista, voluntariou-se para construir os futuros centros comunitários com o auxílio de fundos provenientes de doadores australianos. Fazendo uso dos novos centros comunitários, a Missão ASD na Mongólia poderá alcançar mais eficazmente a população e, assim, garantir um crescimento ainda mais rápido do número dos seus membros.

ANN/RA

Um Natal diferente...

No passado dia 25 de dezembro, a ADRA-Norte (incluindo o Projeto AGIR da IASD de Canelas, o Projeto "Olhos Solidários" da ADRA-Porto e a ADRA de Ermesinde, Matosinhos e Oliveira do Douro), com o apoio do Colégio Adventista de Oliveira do Douro, realizou a Festa de Natal para os nossos amigos sem-abrigo das ruas da cidade do Porto.

Nas instalações do colégio e nas ruas, cada ser humano necessitado sentiu a presença sábia e amiga de Jesus. Esta ação da ADRA-Norte não passou despercebida à comunidade do Distrito do Porto. A prova disso foi a conversa que ouvi um dia depois, quando estava num hipermercado em Vila Nova de Gaia. Uma cliente, a D. Maria, trocava impressões com a senhora da caixa:

– A D. Maria teve um bom Natal!

– Muito bom, mas teria sido melhor se eu tivesse estado na Festa de Natal de 2012 organizada pela ADRA que vi ontem no Porto Canal...

Nesta época da partilha, agradeço a todos os voluntários que estiveram connosco no CAOD e ao Pr. Paulo Renato Garrochinho, que nos acompanhou nas ruas do Porto.

Um Feliz Ano de 2013 com muitas bênçãos de Deus.

Álvaro Bastos
Relações Públicas da ADRA-Norte

Batismo



O casal Nuno e Ydaizis Silva decidiu selar o seu compromisso com Cristo através do batismo no dia 27 de outubro de 2012, na igreja Adventista do Sétimo Dia de Ponta Delgada.

Ambos iniciaram a sua caminhada com Cristo após a participação numa Expo-Saúde, realizada pela igreja em Ponta Delgada. O percurso deste casal foi marcado pela profunda pesquisa da Palavra de Deus. A cerimónia foi oficiada pelo Pastor Paulo Neves, que também acompanhou o crescimento espiritual dos dois jovens. A mensagem do sermão batismal incidiu sobre as bênçãos de andarmos com Deus e a importância do novo nascimento. Após o testemunho público da sua aceitação de Cristo como Salvador, cada um dos novos membros partilhou com a igreja a alegria que sentia, citando o conhecido texto: "E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (João 8:32).

Eurico Correia
Ancião da Igreja de Ponta Delgada e Pré-estagiário para o Curso de Teologia

Descansou no Senhor

BRAGA



No dia 12 de agosto de 2012 faleceu a irmã Palmira da Silva Carvalho Gomes, depois de doença prolongada. Membro da igreja de Braga, a irmã Palmira era estimada por toda a igreja, deixando um bom exemplo de serviço a Deus e à Igreja. Foi sempre fiel na sua vida cristã, dando frequentemente testemunho de Jesus, o seu Senhor e Salvador. Temos a esperança de que ela estará na ressurreição dos justos, para receber o seu galardão. Ao seu marido e a toda a família, deixamos as nossas condolências.

Mário Macedo
Dep. de Comunicações da IASD de Braga

PORTO



Faleceu no dia 16 de novembro de 2012 a irmã Maria dos Santos Monteiro. Batizada em 28 de maio de 1949, na igreja do Porto, pelo Pastor

Marcelino Matos Viegas, a nossa irmã aceitou a fé Adventista como resultado

do testemunho do seu noivo (e depois, marido) Manuel Monteiro. Querendo demonstrar a sua gratidão a Deus, a nossa irmã e o seu marido sempre procuraram partilhar a sua fé. Ao Sábado à tarde, chovesse ou fizesse Sol, saíam ambos para se empenharem no trabalho missionário. Batiam às portas, entregavam um folheto e pediam que a pessoa contactada o lesse durante a semana. No Sábado seguinte, passavam de novo pelas mesmas casas para saberem se os contactados tinham apreciado a leitura e se pretendiam mais esclarecimentos. Deste modo, foram muitos os interessados a quem deram estudos bíblicos, tendo alguns deles sido batizados. Aos 82 anos, a irmã Maria Monteiro deu entrada no LAPI Norte, onde viveu os seus últimos dias. Faleceu com 93 anos, tendo sido membro fiel da igreja ASD do Porto durante 63 anos. Nesta hora de dor deixamos as nossas condolências com os seus familiares enlutados, lembrando a promessa que acompanhou a irmã Maria dos Santos Monteiro nos seus últimos dias: "Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou

preparar-vos lugar: E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também" (João 14:1-3).

Faleceu a irmã Maria José Morais de Magalhães, membro da Igreja do Porto, com 87 anos. Nascida a 15 de maio de 1925, conheceu a mensagem em 1958, através do testemunho de uma irmã da igreja do Porto. Tendo aceite o Evangelho, foi batizada a 1 de dezembro de 1962, pelo Pastor António Baião. Durante cerca de 50 anos foi uma cristã ativa. Fez parte do coro da Igreja do Porto, pois gostava de cantar. O seu hino preferido era o nº 70. Chegou a publicar um poema na Revista Adventista. Manteve sempre o seu espírito missionário, gostando de distribuir folhetos com as verdades da fé cristã. O seu texto bíblico favorito era o Salmo 91, que sabia de cor. Certamente a irmã Maria de Magalhães irá acordar na ressurreição dos salvos com este mesmo salmo nos lábios. Deixamos as nossas condolências aos seus familiares.

Álvaro Bastos
Dep. de Comunicações da IASD do Porto

Vinagre

Podemos aceitá-lo na nossa mesa?

Tenho observado que o uso do vinagre se tem tornado comum entre alguns dos nossos irmãos. Fico algo confusa com este facto, até porque fui ensinada na nossa Igreja de que o seu uso não era recomendado. Existem benefícios associados ao consumo do vinagre que não eram antigamente conhecidos? Continua válida a recomendação para evitar o uso do vinagre nas nossas saudáveis saladas?

Em 1887, Ellen White indicava que as saladas preparadas com vinagre produziam fermentação no estômago, impedindo que a comida fosse digerida de forma adequada, levando-a assim a decompor-se ou a apodrecer. Em consequência, o sangue não era nutrido e ficava cheio de impurezas, fazendo surgir perturbações hepáticas e renais.¹ Alguns anos mais tarde, em 1911, ela escreve a uma irmã animando-a a não condescender no uso do vinagre e, para a encorajar, conta a sua própria luta para eliminar este produto da sua dieta.² O ensino sobre

a abstinência do vinagre no nosso meio está certamente relacionado com esses conselhos inspirados.

Interessante também é o facto de que o vinagre, juntamente com outras bebidas fermentadas, estava vedado ao nazireu (Núm. 6:3). Salomão também não o recomendava para os dentes ou para as chagas (Prov. 10:26; 25:20). A Jesus, no momento da Sua agonia na cruz, foi oferecido vinagre a beber (Mat. 27:48; Marcos 15:36; Lucas 23:36; João 19:29), mas Ele rejeitou-o, como já tinha rejeitado uma outra bebida fermentada (Mat. 27:34;

Marcos 15:23), para que nada viesse a obscurecer-Lhe a mente, dando assim vantagem a Satanás.³

O vinagre pode derivar da dupla fermentação de cereais, de frutas muito diversas e de tubérculos, mas o vinagre derivado do vinho é o mais conhecido e usado. É o resultado de uma fermentação em duas etapas: a alcoólica, que transforma os açúcares em álcool, e a acética, que leva o álcool a transformar-se em ácido acético, por ação do oxigénio e da bactéria *acetobacter*. Uma solução diluída de álcool, na presença desta bactéria, mantida num lugar arejado e quente, transforma-se em vinagre no decurso de pouco tempo. Obtém-se, assim, um líquido miscível na água, com sabor acre – vinagre, do latim *vinum acre* (vinho acre).

O sabor e o cheiro característicos do vinagre são devidos à presença do ácido acético que se encontra na concentração de 3 a 8% por volume de água. É um ácido

fraco e a sua ação depende da concentração que apresenta, podendo ir desde corrosivo e inflamável (mais de 90%) até irritante (10-25%), provocando inflamação nos olhos, no nariz, na garganta e nos brônquios. Com concentrações inferiores, é usado como conservante alimentar e condimento, não apresentando estes riscos.

Ainda que usado com diluições inferiores na alimentação, não será mais prudente utilizar o limão como substituto do vinagre? Como alternativa saudável, o limão é um excelente fruto, que nos fornece vitaminas, minerais e fitoquímicos, dando igualmente o tal sabor acre tão agradável na confeção de alguns alimentos, devido ao ácido cítrico.

O Dr. Jorge Pamplona menciona que o ácido acético, ingerido em certa quantidade, produz uma alteração grave na coagulação do sangue, conhecida como *coagulopatia intravascular disseminada*, além de provocar anemia e insuficiência renal. Para ele, o vinagre não traz qualquer vantagem do ponto de vista nutritivo ou dietético, não facilita a digestão, causa erosão no esmalte dentário, rompe a barreira mucosa que protege o estômago, causa gastrite e, no sangue, causa anemia pela destruição dos glóbulos vermelhos. As supostas propriedades do vinagre de maçã não são corroboradas por evidências científicas, afirma este conhecido médico adventista.⁴

Também é conhecido que o vinagre pode interferir na ação de certos medicamentos e na assimilação de alguns nutrientes, como o potássio e os minerais constituintes dos ossos, enfraquecendo-os.

Um artigo sobre o vinagre, num sítio na Internet, com o nome “Reforma da Saúde”,⁵ procura explicar, em termos fisiológicos, como o vinagre, pela sua acidez, impede

a digestão dos amidos na boca, ao interferir com o pH da saliva. Sugere ainda que ele provoca uma concentração ácida acrescida no estômago, que pode causar azia,

As frutas e os vegetais ácidos são os que proporcionam os benefícios que estarão erradamente a ser atribuídos ao vinagre.

úlceras e mal-estar e desfavorecer a digestão dos alimentos no segmento intestinal. Nega também os supostos benefícios terapêuticos do vinagre, pelo facto de o ácido acético não ser um ácido de reposição orgânica, como é o caso do ácido ascórbico e outros. As frutas e os vegetais ácidos são os que proporcionam os benefícios que estarão erradamente a ser atribuídos ao vinagre.

O vinagre, contudo, pode ter benefícios no uso externo. No tratamento de problemas de pele e parasitas dos animais, como amaciador na lavagem do cabelo ou como produto de limpeza para vidros ou outras superfícies lisas. É igualmente muito eficaz para tratar queimaduras de 1º grau, evitando a formação de bolhas e fazendo desaparecer a típica coloração avermelhada, quando aplicado na pele queimada, várias vezes logo após a queimadura; o resultado é quase imediato.

Numa sociedade saturada de informação, podemos encontrar opiniões totalmente opostas sobre qualquer assunto. Como poderá uma pessoa saber o que é certo? É

tão bom podermos contar com a segura palavra profética! Mais do que nunca, precisamos de “crer no Senhor nosso Deus e nos Seus profetas” para estarmos seguros e sermos bem-sucedidos na nossa vida!⁶

• Pr. Daniel Bastos,

é o Diretor do Departamento de Saúde e Temperança da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

Eunice Dias,

Bióloga e Nutricionista, colabora, na Área de Nutrição, com o Departamento de Saúde e Temperança da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

1. Ellen G. White, *Conselhos sobre Saúde*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 345.
2. Ellen G. White, *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 485.
3. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 746.
4. Jorge Pamplona-Roger, *A Saúde pela Alimentação*, Publicadora SerVir, vol. 1, pág. 337.
5. <http://reformadesaude.blogspot.pt/2006/01/por-que-o-vinagre-no-saudvel.html>
6. II Crónicas 20:20.

Prezado leitor, a Revista Adventista criou um espaço para esclarecer dúvidas e responder a perguntas sobre Saúde. Se tem uma questão que gostaria de colocar, escreva para um dos endereços abaixo. Se a sua pergunta for considerada pertinente para um grupo alargado de leitores, publicaremos a resposta sem identificar o autor da pergunta, salvo indicação em contrário.

E-mail: saude.temperanca@adventistas.org.pt

DEPARTAMENTO DE SAÚDE E TEMPERANÇA
União Portuguesa dos Adventistas do 7º Dia
Rua Acácio Paiva, 35, 1700-004 Lisboa

Encontrando o ritmo de Deus

O SÁBADO COMO UM SINAL DE SALVAÇÃO

Eu ainda posso ver diante de mim a sua expressão de admiração. O grupo da nossa igreja estava numa viagem de estudo no Sul de França onde, durante uma semana inteira, tínhamos estado a explorar a história dos Huguenotes que foram martirizados pela sua fé protestante. Ela tinha sido a nossa guia turística e era muito conhecedora das questões de História, Religião e Cultura. Embora tivesse sido exposta a muitas tradições cristãs, por causa do seu trabalho, ela tinha permanecido atea. Nós tínhamos desenvolvido uma amizade maravilhosa e, no último dia, ela queria saber mais acerca dos Adventistas. Nós éramos uma peça estranha e notória na sua coleção de denominações. Ela perguntou: *O que há de tão especial nesse dia de Sábado? E por que razão são vocês tão teimosos e obstinados acerca de um assunto marginal tão sem-importância?* Eu tentei esclarecê-la sobre a razão por que o Sábado era tão importante e tão santo. Mas não fui bem-sucedido. Ela não podia entender por que razão um dia da semana seria diferente dos outros dias. Esta era a razão da sua expressão de admiração, de que eu me lembro tão bem.

Provavelmente, lembro-me do

olhar com que ela me olhou porque ele incomodava. Eu tive de me perguntar novamente: “És tu apenas mais uma pessoa religiosa bizarra e estranha?”

Tradição ou identidade?

Portanto, será que nós, Adventistas, guardamos o Sábado apenas porque se tornou numa tradição fazê-lo? Deus não o permita! Ou, talvez, a observância do Sábado se tenha tornado apenas na nossa imagem de marca? Qual é, então, a relação entre tradição e identidade? Será que a nossa compreensão da verdade ficou presa no século passado? Felizmente, eu creio que, para a maioria dos Adventistas, o Sábado não é somente uma tradição ou uma marca de identidade.

Em Mateus 13:44, Jesus conta a parábola do tesouro enterrado no campo. Um lavrador bastante trabalhador encontrou o tesouro enquanto trabalhava. Foi uma descoberta que aconteceu por acaso. Foi uma casualidade feliz. Lembre-se de como os primeiros Adventistas descobriram o Sábado. Foi muito como o lavrador da parábola. Foi uma descoberta casual e feliz de uma verdade bíblica que, durante as eras passadas, tinha estado, de

algum modo, enterrada e perdida. Os nossos antepassados espirituais “compraram” este tesouro. Muitos dos nossos irmãos e irmãs continuam a pagar um preço elevado pelo tesouro que é o Sábado.

O ritmo de Deus

A música é uma parte importante da vida humana. O ritmo é a moeda corrente da música e, num certo sentido, o Sábado é um ritmo do tempo que governa e move todos os aspetos da nossa vida. Uma orquestra ou uma banda podem tocar uma canção devagar ou depressa. Podem variar o tempo rítmico, mas, se quiser cantar e bater palmas em simultâneo com a música, tem que seguir o ritmo com tudo o que tem em si. Como bem sabe, tudo se resume a estarmos no tempo certo.

Jesus usa a parábola do tesouro enterrado como uma alegoria para significar o Reino de Deus ou o Evangelho. Seria rebuscado de mais ou completamente fora do contexto comparar o Sábado com o Reino de Deus? Ou, colocando as coisas de outro modo: não é frequentemente feita a acusação contra a nossa teologia do Sábado de que este foi colocado nela como um requisito para a Salvação?

A Salvação e o Sábado

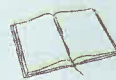
Alguns Cristãos pensam que os únicos assuntos importantes são as “questões de salvação”. Mas, se fôssemos a seguir esta

lógica, então o discipulado perderia a importância, dado que um discípulo é alguém que já foi salvo e que, por causa disso, começa a organizar a sua vida em torno da vontade de Deus. Um discípulo também ora em consciência “seja feita a Tua vontade” (Mat. 6:10) e, então, após esta oração, está preparado para buscar e praticar a vontade de Deus. Isto traz-nos de volta à salvação. Olhando para as Escrituras, creio que é da vontade de Deus que entremos no Seu ritmo. É o ritmo de Deus – não o meu. Eu não decido, como creem muitos Cristãos, em que dia devo descansar (desde que seja um dia em sete), mas é Deus que decide. Em termos teológicos isto é chamado *justificação pela fé*. Isto diz o seguinte: não se faça a minha vontade, mas a Tua. Que não seja o meu método, mas o método de Deus. Que não seja a minha justiça, mas a Tua justiça, Jesus.

Dois acontecimentos bíblicos ilustram este conceito vividamente.

1. Génesis 2:2 indica que Deus descansou (literalmente, “sabati-zou”) e que Ele abençoou e tornou santo o Sábado. Quão “velha” era a humanidade neste momento do tempo? Nem sequer tinha um dia, pois os seres humanos surgiram no palco da vida apenas no sexto dia. O sétimo dia de Deus foi o primeiro dia completo para a humanidade. Para que trabalhos de jardinagem ou de “multiplicação” podia o casal olhar como estando atrás no tempo? Absolutamente nenhum! No primeiro dia de Sábado, Adão e Eva gozaram das obras de Deus, não das suas obras. É por isto que o Sábado é um símbolo de Salvação e justificação pela fé precisamente desde o princípio.

2. Então vem a dádiva da Lei. Moisés sobe as encostas do Monte Sinai e recebe os Dez Mandamentos da mão de Deus. O Sábado está aí, no meio da Lei. Mas, não é a ver-



O Sábado

O bondoso Criador, após os seis dias da Criação, descansou no sétimo dia e instituiu o Sábado para todas as pessoas, como memorial da Criação. O quarto mandamento da imutável Lei de Deus requer a observância deste Sábado do sétimo dia como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e a prática de Jesus, o Senhor do Sábado. O Sábado é um dia de deleitosa comunhão com Deus e uns com os outros. É um símbolo da nossa redenção em Cristo, um sinal da nossa santificação, uma prova da nossa lealdade e um antegozo do nosso futuro eterno no reino de Deus. O Sábado é o sinal perpétuo do eterno concerto de Deus com o Seu povo. A prazerosa observância deste tempo sagrado de uma tarde a outra tarde, do pôr-do-Sol ao pôr-do-Sol, é uma celebração dos atos criadores e redentores de Deus. (Gén. 2:1-3; Êxo. 20:8-11; Luc. 4:16; Isa. 56:5 e 6; 58:13 e 14; Mat. 12:1-12; Êxo. 31:13-17; Eze. 20:12, 20; Deut. 5:12-15; Heb. 4:1-11; Lev. 23:32; Mar. 1:32.)

Os Adventistas do Sétimo Dia Creem, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1989, p. 240.

dadeira questão o facto de que Deus tinha primeiro libertado o Seu povo e que foi este ato que conduziu à Lei da aliança? Primeiro veio o Êxodo, a salvação, e, em seguida, vieram as leis que caracterizam a aliança. Mais uma vez, *justificação pela fé*.

Voltemos, porém, ao tesouro enterrado no campo. Jesus diz que o tesouro é um símbolo do Reino de Deus. Creio que o Sábado é também um símbolo do Reino de Deus (embora não seja o próprio Reino de Deus). Tal como o batismo é um símbolo que, em si mesmo, não salva ninguém, mas é antes uma demonstração vívida da salvação, também o Sábado é um sinal da salvação no nosso tempo. E o que é realmente fantástico é que, independentemente da cultura, linguagem, estatuto social ou idade, o tempo é aquela coisa que é dividida equitativamente: 24 horas, 7 dias, para toda a gente.

O que teria dito a minha guia turística a tudo isto? Ela tinha descrito com mestria a fé dos Hu-

guenotes nos antigos locais históricos, enfatizando que nós podemos agradecer a estes mártires pela nossa liberdade religiosa e de consciência – no entanto, ela percecionou a nossa observância do Sábado como um passo de volta à Idade Média. Ela ensinou-me que Jesus tem de ser o primeiro foco na nossa teologia do Sábado, dado que ninguém pode entender o que é importante para um discípulo quando essa pessoa não conhece o Senhor que o discípulo está a seguir. O Sábado é nada sem o Senhor do Sábado. Em vez de apenas dizermos às pessoas para observarem o Sábado, deixemos que a nossa observância do Sábado se torne num anúncio brilhante da nossa redenção – e sim, sintamos o ritmo de Deus na nossa vida! ✨

• **Dennis Meier**

*Pastor da igreja de Grindelberg,
Alemanha*

De que modo é Cristo o fim da Lei?

“**P**orque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.” Romanos 10:4.

Romanos 10:4 tem-se tornado, nos tempos modernos, numa das afirmações mais controversas das epístolas Paulinas. Ela é frequentemente citada para provar que Cristo pôs um fim à Lei do Antigo Testamento, incluindo o Decálogo. Os escritores dispensacionistas, que enfatizam a diferença entre a “Lei” e o “Evangelho” e sublinham a superioridade do Novo sobre o Velho Testamento, fazem especial uso de Romanos 10:4 como o texto-de-prova clássico para defender a descontinuidade entre o Velho e o Novo Testamentos.

A ambiguidade dos termos usados por Paulo

A incerteza do sentido de Romanos 10:4 deve-se, em parte, à ambiguidade que cerca o uso que Paulo faz do termo “Lei” (*nomos*) nos seus escritos e, principalmente, à complexidade da palavra *telos*, traduzida pela maioria das nossas Bíblias como “fim”, que, em grego, tem uma ampla gama de significados, desde “clímax” e “objetivo” até “cumprimento” e “terminação”.

Portanto, assumindo-se que a palavra *nomos* (“Lei”) descreve sempre, para Paulo, uma realidade negativa, e dando-se a *telos* o sentido absoluto de “terminação”, a afirmação “Cristo é o fim da Lei” em Romanos 10:4 tem sido frequentemente interpretada como significando que “Cristo pôs um fim à Lei”, seja porque “Ele abrogou as leis do Antigo Testamento”, seja porque “Ele pôs de parte a Lei como um meio de justificação”.

O contexto de Romanos 10:4

Romanos 10:4 pertence à secção que vai de 9:30 a 10:21, a parte central da unidade literária forma-

da pelos capítulos 9-11. O pano de fundo desta secção é o problema teológico da autoexclusão da maioria dos Israelitas do remanescente, por causa da sua rejeição do Messias. Baseando os seus argumentos na consistência da Palavra e da ação de Deus, Paulo mostra que a retidão na era messiânica – como a eleição na era patriarcal – não depende de méritos ou obras, mas apenas da graça de Deus, manifestada através da fé no seu Messias. Paulo mostra, através de muitas referências às Escrituras, que a nova situação em Israel foi predita, tanto na Lei, como nos Profetas. Portanto, o Evangelho não é contrário às promessas de Deus, mas é antes o cumprimento das Escrituras Hebraicas.

Cristo tornou-Se, para alguns Israelitas, na pedra de tropeço anunciada pelos profetas (Romanos 9:33), porque eles não seguiram a Lei a partir da perspectiva da fé, mas sim da perspectiva das obras (9:31 e 32) e não se submeteram à retidão vinda de Deus (pela aceitação de Cristo, 10:2-4). Os Gentios, no entanto, creram em Cristo e receberam

retidão (9:30) e estatuto no interior do novo povo de Deus.

O uso do termo “Lei” (*nomos*), neste contexto (9:31; 10:4 e 5), sugere que ele se refere à *Torah* (a Lei), tal como era geralmente compreendida pelos Judeus contemporâneos de Paulo, e designa todo o Antigo Testamento, incluindo os seus aspetos revelatórios.

O significado de *telos* (“fim”)

Um estudo da antiga literatura grega mostra que *telos* é um termo dinâmico, com vários significados, mas as suas conotações básicas são primeiramente “teleológicas” (*i. e.*, indicando direção, propósito e completude), e não temporais. No tempo de Paulo, *telos* era, sobretudo, usado para designar o objetivo, o propósito ou o clímax de algo.

O termo *telos*, seguido por uma palavra na forma genitiva (*e. g.*, “do amor”), é um conceito especificamente usada para indicar um alvo, um objetivo, um resultado, mas não terminação. Assim, em I Timóteo 1:5, é usado na frase “o fim (objetivo) do mandamento é o amor” e, em I Pedro 1:9, é traduzido “o fim (objetivo) da vossa fé, a salvação das almas”.

Na literatura grega antiga, a frase *telos nomou* (“o fim da Lei”) e as expressões com ela relacionadas denotam sempre o objetivo e o propósito da Lei, nunca a sua abrogação. Portanto, a tradução corrente de Romanos 10:4 como “fim

Deus fala com Moisés no monte de Sinal

19 AO terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egíto, no segundo dia, vieram ao deserto de Sinal.

2 Tendo partido de Rãfãim, vieram ao deserto de Sinal, e acamparam-se diante do monte de Sinal.

3 E falou Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Quem são estas tuas mulheres, que te seguem?

4 E respondeu Moisés, dizendo: As mulheres de Israel, que saíram do Egíto.

5 E disse o Senhor a Moisés: Estas mulheres são as tuas irmãs, e tuas irmãs de leite. Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

6 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

7 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

8 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

9 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

10 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

11 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

12 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

termo; todo aquele que tomar a palavra, certamente morrerá.

13 Nenhum não tocará no altar; quem tocar nele morrerá.

14 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

15 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

16 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

17 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

18 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

19 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

20 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

21 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

22 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

23 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

24 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

25 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

23 Então Moisés desceu ao povo, e disse-lhes isto.

24 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

25 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

26 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

27 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

28 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

29 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

30 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

31 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

32 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

33 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

34 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

35 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

21 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

22 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

23 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

24 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

25 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

26 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

27 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

28 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

29 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

30 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

31 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

32 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

33 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

34 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

35 E disse o Senhor a Moisés: Assim, tuas irmãs de leite são as mulheres de Israel.

19:1-12	19:13-25	19:26-35	20:1-17	20:18-26	20:27-30	20:31-34	20:35-38	21:1-15	21:16-22	21:23-32	21:33-36	21:37-42
19:13-25	19:26-35	20:1-17	20:18-26	20:27-30	20:31-34	20:35-38	21:1-15	21:16-22	21:23-32	21:33-36	21:37-42	
19:13-25	19:26-35	20:1-17	20:18-26	20:27-30	20:31-34	20:35-38	21:1-15	21:16-22	21:23-32	21:33-36	21:37-42	
19:13-25	19:26-35	20:1-17	20:18-26	20:27-30	20:31-34	20:35-38	21:1-15	21:16-22	21:23-32	21:33-36	21:37-42	

NA ANTIGA LITERATURA GREGA, A FRASE "FIM DA LEI" DENOTA SEMPRE O OBJETIVO E O PROPÓSITO DA LEI, NUNCA A SUA ABROGAÇÃO.

da Lei", no sentido de terminação/cessação/abrogação seria, linguisticamente falando, excruciante e difícilmente – ou mesmo impossivelmente – correta.

Cristo como o cumprimento e o clímax da Lei

O primeiro problema com a espalhada interpretação da frase "Cristo é o fim da Lei" no sentido de que Cristo aboliu a Lei, é que a própria Bíblia a contradiz: Cristo disse claramente que "não cuideis que vim destruir a Lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir" (Mateus 5:17); e Paulo argumenta fortemente no começo da sua epístola aos Romanos, a que a fé não anula a Lei, mas, pelo contrário, sustenta a Lei (Romanos 3:31).

Em segundo lugar, aqueles que traduzem o texto como "Cristo é o fim da Lei" precisam de interpretar a palavra *nomos* como significando algo mais do que "Lei", algo que deve consequentemente ser suprido: "a validade da observância da Lei", "a Lei compreendida como legalismo", "a Lei nos seus aspetos rituais", etc..

Assim, muitos eruditos interpretam Romanos 10:4 como "Cristo é o fim da Lei como caminho de salvação" ou algo similar. No entanto, esta interpretação contradiz um tema principal em Romanos, a saber, que a salvação tem sido desde sempre pela graça através da fé (veja em especial Romanos 3:21-4:13). Portanto, Cristo dificilmente poderia pôr um fim a algo que nunca existiu.

De facto, o significado da passagem no seu contexto (Romanos 9:30-10:21) não apresenta Cristo em contraste com a Lei. Portanto, traduzir a frase como "Cristo abroga a Lei" (seja qual for o sentido em que isto possa ser compreendido) é inconsistente. Cristo é, pelo contrário, apresentado como o cumprimento do designio de Deus, no sentido de que Ele é o clímax da Lei para trazer retidão a todos os que creem, tanto Judeus, como Gentios.¹

Esta interpretação de Romanos 10:4 coaduna-se melhor com o argumento teológico desenvolvido em Romanos 9-11, por várias razões: (1) Ela confirma que "a palavra de Deus não falhou", dado que o An-

tigo Testamento já apontava para o Messias como meio para a obtenção da retidão; (2) ela implica que nenhum Israelita foi rejeitado por Deus, dado que, em Cristo, a retidão está disponível para todo o que crer; e (3) ela apela à unidade de Judeus e Gentios, no interior do novo povo de Deus, dado que, em Cristo, todos os crentes estão unidos como sendo o povo escatológico de Deus.

Portanto, bíblica e linguisticamente, é preferível tomar *telos* no seu significado normal de "propósito", "alvo" ou "objetivo" e ler Romanos 10:4 no sentido de que a Lei aponta para Cristo como o clímax de toda a revelação do Antigo Testamento, tanto nas suas ordenanças rituais, como nas suas ordenanças morais. Cristo foi o cumprimento das figuras e dos símbolos do Velho Testamento, a culminação da *Torah*, Aquele que foi estabelecido para trazer retidão a todos os que creem. ✦

• Roberto Badenas

1. Veja-se Roberto Badenas, *Christ, the End of the Law: Romans 10:4 in Pauline Perspective*, JSNT Supplement Series 10, Seffield, JSOT Press, 1985.

Cinco achados fascinantes

Descobertas arqueológicas destacam a importância das Sagradas Escrituras.



A Arqueologia é uma ferramenta ótima para o estudo e divulgação da Palavra de Deus. Além de nos ajudar a compreender melhor os tempos e as situações em que ocorreram os maravilhosos factos mencionados na Bíblia, auxilia-nos na divulgação das páginas sagradas e, ao mesmo tempo, desperta em alguns descrentes o interesse pelo seu estudo. Afinal, Jesus disse que “as pedras clamariam”. Logo, porque não entender que, além da tradicional referência aos “de fora”, o Mestre não poderia ter-Se referido às “pedras” como sendo as evidências que os arqueólogos encontram em favor da Palavra de Deus?

Essa é uma possibilidade bastante razoável. Aliás, é interessante notar que, segundo a visão de alguns historiadores, a Arqueologia moderna começou em 1798, com o achado da Pedra de Roseta pelos soldados de Napoleão. Ora, para nós, Adventistas, é curioso que esse seja justamente o ano

que marca o início do tempo do fim mencionado em Daniel 12:4. Nesse tempo, bem sabemos, ocorreriam coisas importantes, como o despertar religioso em direção à restauração da verdade e

o fim do selo sobre o livro de Daniel, que passaria agora a ser melhor compreendido. Pois foi justamente a partir do nascimento da Arqueologia moderna que começaram as buscas e os achados nas



Túmulo de Herodes

Fotografia: Asaf T. / RA abril 08, Brasil.



Possíveis ruínas do Palácio de David, em Jerusalém

Fotografia: Rodrigo Silva / RA abril

terras bíblicas; primeiro no Egito e, depois, na região da Antiga Mesopotâmia, com a redescoberta da cidade de Babilônia e todos os seus artefactos, que iluminaram muito a compreensão histórica do livro de Daniel.

O ano 2007 e o início de 2008 brindaram a Arqueologia com alguns achados interessantes. Neste artigo, gostaria de destacar cinco deles, que são simplesmente fascinantes. As pesquisas sobre essas descobertas ainda estão em andamento, mas o seu anúncio merece ser conhecido por todos. Cada um destes achados tem uma relação direta ou indireta com os seguintes personagens bíblicos: Herodes, a mãe adotiva de Moisés, David, Jesabel e Tamá (este último mencionado em Neemias 7:55). Vejamos a importância de cada um deles para o estudo das Escrituras.

O Túmulo de Herodes

Vários Herodes são mencionados na Bíblia, mas nenhum deles

foi mais famoso ou mais perverso do que Herodes, o Grande, o mesmo soberano que tentou assassinar o menino Jesus. A escavação da sua tumba foi anunciada, em 2007, pela Universidade Hebraica como o primeiro grande achado arqueológico do século XXI.

A sua descoberta ocorreu na região conhecida como *Herodium*, uma das muitas fortalezas construídas por Herodes, não muito distante de Jerusalém. Ali, o que parece ser apenas um amontoado de rochas e areia no meio do deserto é, na verdade, o que resta de um magnífico palácio cavado na rocha, no topo de uma montanha, a 752 metros acima do nível do mar. Algumas partes das suas paredes e muralhas podem ser vistas até hoje pelos que visitam a região.

Herodes pretendia perpetuar o seu nome na História e, por isso, queria um palácio na mais alta das montanhas, para que nenhum rei pudesse sobrepujá-lo na sua glória. Segundo o historiador Flávio Josefo, que viveu no primeiro século depois de Cristo, Herodes fora sepultado ali, e esta era a principal pista para os arqueólogos.

O professor israelita Ehud Netzer foi o responsável pela equipa envolvida nas escavações que revelaram o túmulo. Ele, na verdade, já procurava o túmulo no local desde 1972,

mas só então foi possível localizar o que sobrou do sarcófago real, pois já não havia mais ossos e o próprio caixão de pedra já tinha sido saqueado, possivelmente, pelos romanos, na mesma campanha que destruiu Jerusalém e o templo, no ano 70 d.C..

A glória de Herodes, contrastada com as poucas pedras que sobraram do seu túmulo, é um exemplo vivo de como é passageiro o que o mundo oferece, pois ele jamais imaginaria que esse seria o futuro dos seus belos monumentos. E pensar que, por causa desse poder efêmero, ele quase assassinou o recém-nascido Filho de Deus!

A múmia de Hatshepsut

Dependendo da cronologia egípcia que se adotar, é possível que a rainha Hatshepsut tenha sido aquela anônima filha de Faraó que adotou Moisés, segundo o relato do Êxodo. Essa jovem, que se tornou mais tarde na única “mulher-faraó” do Antigo Egito, quase teve o seu nome apagado da História por ação de opositores que assumiram o poder depois dela. Curiosamente, Hatshepsut não teve filhos biológicos homens (teve apenas filhas), o que reforça a hipótese da adoção de Moisés e a intenção de colocá-lo no poder. É interessante notar que, em algumas estátuas, ela aparece vestida de homem,

Selo de Jezabel – Século IX a.C.

pois era difícil para os políticos da época aceitarem as ordens de um Faraó que fosse mulher.

Após a morte de Hatshepsut, a sua múmia foi retirada da tumba real, porque os seus servos temiam que Tutmoses III, o seu sucessor, saqueasse o lugar, maculando os seus restos mortais. Então, levaram-na para junto do túmulo da sua ama de leite. Por causa disso, o seu corpo ficou esquecido e só foi encontrado, em 1903, pelo Dr. Carter (o mesmo que encontrou a múmia de Tutancamon). Porém, o corpo de Hatshepsut foi erroneamente identificado como sendo a múmia de uma escrava qualquer.

Até então, a única coisa concreta que tínhamos de Hatshepsut era um dente molar guardado numa caixa que trazia a inscrição do seu nome. É que os Egípcios tinham o estranho costume de guardar em caixas partes do corpo de um nobre falecido, como um dedo, uma mecha de cabelo, um dente, etc..

Assim, em 2007, o Dr. Zahi Hawass, desconfiado de que a posição daquele corpo feminino mumificado revelava uma pose faraônica, resolveu analisar melhor o achado e percebeu algo muito interessante. Além da postura real em que o corpo se encontrava, faltava na sua arcada dentária um dente molar que, curiosamente, era o mesmo da caixa de Hatshepsut. Estudos preliminares de DNA apontaram fortemente para a possibilidade de que a múmia e a dona do dente fossem a mesma pessoa. Além disso, outros exames de DNA feitos entre a múmia encontrada e outra múmia, identificada como sendo de Ahmose Nefertari, a avó de Hatshepsut, reforçaram ainda mais a identificação. Tinha sido encontrada a múmia de Hatshepsut.

Foi essa mesma glória egípcia que Moisés recusou receber em vida e, por isso, jamais encontra-

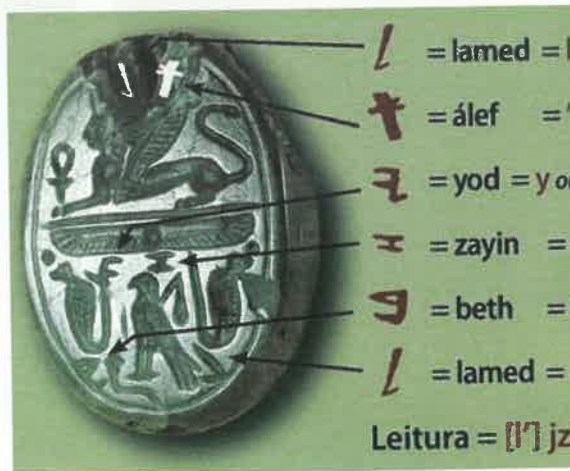
remos a sua múmia, não importa o quanto escavemos. Graças à sua sábia escolha, o seu lugar hoje não é nas areias do Egito, mas na glória do Céu!

O palácio de David

Durante muito tempo, o rei David foi reputado como personagem lendário pelos céticos que não criam no relato bíblico. Contudo, o achado de uma pedra em Tel Dã, no ano de 1993, desmentiu fortemente os críticos, pois ali estava, numa placa comemorativa escrita por um inimigo de Israel, uma clara referência à “Casa de David”, que é uma expressão comumente usada na Bíblia para se referir aos descendentes do rei David. Essa pedra fora originalmente inscrita por volta de 800 anos antes de Cristo.

E, justamente agora, uma arqueóloga israelita, chamada Eliat Mazar, parece ter encontrado outra evidência histórica muito importante acerca de David. Alguns alicerces por ela escavados em Jerusalém podem, provavelmente, ser os primeiros indícios do palácio de David. O mesmo lugar de onde ele governou Israel e no qual ocorreram muitos episódios descritos no Antigo Testamento.

O nosso espaço é curto para entrarmos em detalhes sobre as suas pesquisas e argumentação (que, aliás, estão muito bem fundamentadas), mas as expectativas e a possibilidade de Eliat Mazar estar certa são muito alvissareiras, principalmente porque os céticos, argumentando com base na aparente inexistência de um palácio em Jerusalém, negavam que esta tivesse sido a capital do reino unido de Israel, conforme narram as Escrituras.



Fotografia: Z. Randovan / RA abril

O selo de Jezabel

Jezabel foi, talvez, a mais destacada rainha má da Bíblia. As suas perversidades ficaram tão famosas que, mil anos depois da sua morte, as visões apocalípticas de João ainda utilizaram a sua imagem como símbolo de apostasia e perversão (Apocalipse 2:20-23).

Os achados indiretamente relacionados com esta mulher começaram em 1908, com a escavação de um belo palácio em Samaria, que os arqueólogos entenderam ter pertencido a Omri e, posteriormente, a Acabe, que o reformou e ampliou. O lugar estava cheio de fragmentos de estátuas e placas de marfim, o que coincide com o relato de I Reis 22:39.

Um templo dedicado a Asherah e Baal foi escavado próximo a Samaria e, ao que tudo indica, estava em uso nos dias de Acabe. Ali foi encontrado um grande número de ossadas de recém-nascidos, o que sugere a prática comum de sacrifícios de crianças dentro do território de Israel. Talvez tenha sido ali que oficiaram os sacerdotes protegidos por Jezabel e combatidos por Elias. Por esse achado, não é difícil entender porque eles acabaram mortos depois da batalha espiritual do Carmelo.

No que diz respeito a Jezabel,

existia um selo real exposto há já muitas décadas no museu de Israel, que trazia as iniciais JZBL. Alguns arqueólogos suspeitavam de que o selo pudesse ter sido da rainha de Acabe, mas não foram categóricos em afirmar isso, por duas razões: primeira, o selo fora encontrado fora de contexto, isto é, no mercado de antiguidades (ele teria sido possivelmente roubado das escavações em Samaria); segunda, o nome de Jezabel na Bíblia possui uma letra *alef* no começo, e este nome não tinha essa letra.

Porém, recentemente, uma pesquisadora holandesa publicou um artigo no qual apresenta alguns argumentos interessantes sustentando o facto de que a parte superior do selo (que está quebrada) teria mais duas letras: um *lamed* (que significaria, em hebreu, algo como “pertencente a”) e um *alef*, dando ao nome “Jezabel” a mesma forma da sua forma bíblica. Embora não seja avisado sermos dogmáticos, existe de facto uma boa hipótese de ter sido este o selo pertencente a Jezabel, que algumas vezes se atreveu a usar o próprio selo do rei para falsificar cartas oficiais enviadas por ela mesma (I Reis 21:8).

Selo de Tamá



Fotografia: Edwin Tebels / RA abril 06, Brasil

Não sabemos ainda que coisas o Senhor permitirá que sejam encontradas até à volta de Jesus.

Mas, sejam elas quais forem, o vislumbre do Seu rosto vindo entre os anjos nas nuvens do Céu ainda será, certamente, o maior de todos os achados.

O selo de Tamá

A mesma arqueóloga que está a escavar o que se supõe ser o palácio de David anunciou o achado de um selo próximo do Muro das Lamentações, numa jazida da época do segundo templo (de 516 a.C. a 70 d.C.). O selo tinha uma forma elíptica e dimensões de 2,1x1,8cm. As suas características indicam que foi feito em Babilónia e que data do V século antes de Cristo. Porém, o que mais chamou a atenção dos arqueólogos foi o nome que apareceu na base: Tamá. Ora, de acordo com a lista de Neemias 7:55, esse foi o nome de uma das famílias que retornaram para Jerusalém, após o cativeiro babilónico, no tempo de Zorobabel.

Mas o selo mostra uma triste realidade. Comummente, esse tipo de artefacto trazia algum símbolo que identificava a tendência religiosa de quem o possuía. Sendo assim, era de se esperar algo que identificasse a adoração do Deus de Israel. Contudo, o selo trazia a figura de duas pessoas oferecendo, sobre um altar, sacrifícios ao deus

Sin, identificado pela lua que aparece no topo do selo. É triste constatar estes episódios, em que o povo de Deus ainda permanecia difícil de se converter, mesmo em meio a experiências amargas que deveriam tê-lo feito voltar-se urgentemente para as coisas de Deus!

Conclusão

Estes são apenas uns poucos exemplos do que Deus tem permitido que seja revelado pela pá dos arqueólogos. Não sabemos ainda que coisas o Senhor permitirá que sejam encontradas até à volta de Jesus. Mas, sejam elas quais forem, o vislumbre do Seu rosto vindo entre os anjos nas nuvens do Céu ainda será, certamente, o maior de todos os achados. E não apenas arqueólogos treinados, mas o mundo inteiro poderá participar dessa grande e maravilhosa descoberta!

• **Rodrigo Silva**

Professor na Universidade Adventista de São Paulo (Unasp)



Os trabalhadores na vinha

A AMPLA GRAÇA
DE DEUS

Gostaria de convidá-lo a meditar um pouco sobre a parábola dos trabalhadores na vinha. Jesus contou esta pequena história para mostrar o alcance e a profundidade da graça salvadora de Deus. Esta surge nesta parábola em toda a sua beleza. Note-se que, na parábola dos trabalhadores na vinha, Jesus caracteriza, mais uma vez, o “Reino dos Céus” como sendo semelhante a um acerto de contas. Desta vez, trata-se de um acerto de contas entre um patrão e os seus trabalhadores no fim de um dia de trabalho numa vinha. Este tipo de caracterização do “Reino dos Céus” como um acerto de contas indica que Jesus tem especificamente em mente ilustrar, pela Sua parábola,

os eventos do fim dos tempos e do juízo final, que inaugurarão a instauração do Reino de Deus.

Em busca de trabalhadores

Repare que o senhor da vinha começa a contratar trabalhadores ao nascer do Sol. Na Palestina do tempo de Jesus, o dia de trabalho começava ao nascer do sol e terminava ao pôr do Sol, durando doze horas. É certamente a época da vindima. A vindima na Palestina fazia-se em fins de setembro. O senhor da vinha põe-se em campo para contratar trabalhadores para realizarem a vindima, pois nesta época do ano agrícola era necessária muito mais mão-de-obra. O facto de esta parábola se situar temporalmente na vindima indica que se

trata de uma parábola sobre o fim dos tempos, pois a vindima simbolizava precisamente o momento do juízo final. É importante ter em mente que a vinha era, na literatura judaica, um símbolo de Israel, o peculiar povo de Deus (Isaías 5:1-7; Jeremias 12:10). O próprio Jesus empregará este simbolismo da vinha como representação de Israel na Sua parábola dos vinhateiros homicidas (Mateus 21:33-46).

O dono da vinha começa por contratar, no início do dia, alguns trabalhadores para a vinha pelo salário de um denário. Na Palestina do tempo de Jesus, os trabalhadores agrícolas eram pagos à jornada. Um denário era o salário de um dia para um trabalhador agrícola. Portanto, o senhor da vinha

combinou pagar aos trabalhadores o salário usual de um dia de trabalho. Este salário seria estritamente suficiente para o trabalhador e a sua família viverem, mas apenas a um nível de subsistência. Note-se que é apenas com estes trabalhadores contratados no início do dia que o patrão acorda um determinado salário pelo seu trabalho. Com os restantes, ele não faz nenhum acordo de salário.

O patrão torna a sair em busca de trabalhadores à terceira hora, à sexta hora e à nona hora. Embora o dia, para os Judeus, começasse ao pôr do Sol, as horas do dia eram contadas a partir do nascer do Sol. A “hora terceira” equivale às nove horas da manhã, a “hora sexta” equivale ao meio-dia e a “hora nona” às três horas da tarde. Os homens contratados pelo dono da vinha a essas horas estavam sentados na praça sem fazer nada, aguardando que alguém os viesse contratar para trabalhar. Nós sabemos que, na Palestina da época de Jesus, havia uma elevada taxa de desemprego entre o povo. O historiador judeu Flávio Josefo, contemporâneo de Jesus, refere que, após o termo da construção do Templo, no ano 27, ano em que Jesus começou o Seu ministério, ficaram no desemprego cerca de 18 000 trabalhadores (Antiguidades Judaicas, 20:220). O patrão contrata, pois, todos os desocupados que se mantinham ociosos na praça desde o nascer do dia. Ele não acorda com eles um salário, ao contrário do que fez com os primeiros trabalhadores. Diz-lhes apenas que pagará “o que for justo”. A promessa do patrão de pagar “o que for justo” aos obreiros contratados às nove horas da manhã seria interpretada por estes como significando que ele pagaria somente uma determinada fração de um denário, pois este

era o salário de um dia de trabalho completo, e estes trabalhadores já não iriam trabalhar todo o dia. Eles certamente não esperavam receber integralmente o salário de um denário correspondente a um dia completo de trabalho. Entretanto, o patrão torna a empregar novos trabalhadores ao meio-dia e às três da tarde, com a mesma promessa de pagar “o que for justo”. Esta promessa seria também interpretada por estes trabalhadores como significando o pagamento de apenas uma fração de um denário.

Mas o patrão ainda está à procura de mais trabalhadores à “hora undécima”, isto é, às cinco horas da tarde. Portanto, ele ainda estava a procurar mais obreiros mesmo quando já só faltava uma hora para o pôr do Sol. Lembre-se de que o pôr do Sol marcava o fim do dia de trabalho. Este comportamento do patrão indica que o trabalho na vinha era urgente. De

trabalhadores por terem permanecido indolentes durante o dia inteiro. Ele envia-os também para trabalhar na vinha, mesmo faltando apenas uma hora para o fim do dia de trabalho. É importante notar que o patrão não acorda com estes trabalhadores da undécima hora qualquer salário. Nem sequer é por ele dito que lhes dará «o que for justo», como disse aos trabalhadores anteriores. No entanto, eles parecem acreditar que o patrão fará o melhor que puder por eles quando chegar a hora do pagamento.

Um salário justo e compassivo

Com a chegada da tarde, o patrão ordena que se pague o salário aos obreiros. O pagamento do salário aos trabalhadores jornaleiros no fim do dia de trabalho, ao pôr do Sol, era determinado pela Lei de Moisés (Levítico 19:13; Deute-

Deus é como o patrão da parábola, cheio de generosidade e de compaixão para com aqueles que não têm qualquer mérito “religioso”, mas que estão dispostos a servi-l'O.

facto, na Palestina, a colheita da uva devia estar terminada antes da vinda do tempo chuvoso com o seu frio noturno. Em caso de uma colheita abundante, o período de tempo para a colheita seria obrigatoriamente alargado. Isto punha em risco parte da colheita, devido à aproximação das condições atmosféricas desfavoráveis. Ao perguntar aos trabalhadores desempregados, que estão na praça à hora undécima, porque permaneceram ociosos todo o dia, o patrão não está a expressar a sua admiração, mas está sim a censurar os

ronómio 24:14 e 15). Era algo tão normal para um judeu piedoso, que o facto de o patrão dar essa ordem ao seu administrador indica não apenas que ele era observador da Lei, mas também que ele tinha em mente um desígnio particular. Este intuito é revelado nos versículos seguintes: pagar o mesmo salário diário a todos, sem excepção.

Todos os trabalhadores recebem, então, o mesmo como pagamento pelo seu trabalho. O patrão mostra a sua generosidade e a sua compaixão ao pagar a todos os trabalhadores o salário de um denário.

Ele paga o salário completo de um dia de trabalho mesmo àqueles que não trabalharam todo o dia, nomeadamente àqueles que trabalharam apenas uma hora. Ele age assim, certamente porque sabe que, sendo trabalhadores pagos à jornada, se não levassem para casa o salário completo de uma jornada, as suas famílias ficariam em dificuldades. Desta forma, ele não paga aos trabalhadores segundo os seus méritos, mas segundo a sua necessidade e a necessidade da respetiva família. Ao verem que os últimos receberam como salário um denário, os trabalhadores da primeira hora pensaram que receberiam mais, pois tinham trabalhado muito mais do que eles. No entanto, o patrão pagava-lhes também apenas o salário de um denário, que tinha sido acordado com eles no começo do dia.

O protesto dos descontentes e a resposta do patrão

Após receberem o seu salário, os obreiros da primeira hora protestam a meia voz contra o senhor da vinha, que estaria presente no ato do pagamento do salário, ao lado do seu administrador. Eles dirigem-se, então, ao patrão. Note-se que os obreiros murmuradores não empregam um vocativo ou um título respeitoso para se dirigirem ao senhor da vinha. Este comportamento grosseiro indica a sua grande revolta contra o patrão. Os obreiros da primeira hora acusam o senhor da vinha de ter cometido uma dupla injustiça: (1) eles tiveram de trabalhar doze horas, quando os outros trabalharam apenas uma hora; (2) eles tiveram que trabalhar sob o calor do Sol, quando os outros trabalharam apenas durante o frescor do fim do dia. Os trabalhadores da primeira hora pretendem, assim, argumentar que a maior duração e a maior dificuldade do seu trabalho lhes

dão direito a um salário proporcionalmente maior.

Em resposta às críticas de que é alvo, o patrão dirige-se a um dos obreiros da primeira hora, certamente àquele que mais protestava ou que era o líder dos trabalhadores revoltados. Embora os obreiros não tivessem empregue um vocativo respeitoso para se dirigirem ao patrão, este emprega um vocativo respeitoso para se dirigir com deferência ao obreiro que mais protestava. Chama-lhe “Amigo”. O vocativo “Amigo” era o título adequado para alguém se dirigir respeitosamente a outrem quando não lhe conhecia o nome. O uso

os trabalhadores da última hora terem recebido o mesmo sem terem trabalhado tanto quanto eles. Ou seja, o seu protesto radica totalmente na inveja de verem os seus colegas receberem o mesmo salário no fim do dia.

Finalmente, o patrão defende-se da acusação de injustiça que lhe é feita pelos trabalhadores da primeira hora, fazendo notar que ele é senhor do seu dinheiro e tem o direito de fazer o que quiser com o que é seu. O facto de o senhor da vinha ter resolvido pagar o salário completo de um denário aos restantes trabalhadores é certamente um direito que lhe assiste. Afinal,

Deus quer dar, pela Sua graça, uma plena recompensa àqueles que aceitam servi-l'O à última hora.

desta interpelação por parte do patrão é, simultaneamente, uma demonstração de respeito benevolente pelo interpelado e, ao mesmo tempo, uma censura moderada. O homem comporta-se de modo descortês, mas o senhor da vinha trata-o, ainda assim, com respeito e cortesia. O dono da vinha faz notar aos descontentes que está a ser justo, pois cumpriu o acordo feito com eles: o pagamento de um denário pelo dia de trabalho. Eles mesmos tinham concordado em trabalhar por esse salário. Portanto, não há qualquer injustiça. Na realidade, os obreiros que protestavam não o faziam por terem recebido apenas um denário, mas sim pelo facto de

o dinheiro é dele. O patrão acusa o líder da revolta de ter «mau olho» na sua apreciação da situação. Ter “mau olho” era uma expressão popular para descrever alguém que mostrava ter um espírito invejoso, ciumento ou egoísta (cf. Deuterónimo 15:9). Aqui aplica-se aos trabalhadores da primeira hora, porque eles revoltam-se pelo simples facto de o dono da vinha ser generoso para com os trabalhadores da última hora. O patrão também faz notar que decidiu pagar o salário completo aos trabalhadores da última hora porque é bom. É a sua bondade que o move a ser generoso para com aqueles que necessitam da sua generosidade e misericórdia.



A conclusão da parábola

Jesus conclui a Sua parábola com a afirmação de que “os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”. Os “últimos” que serão os “primeiros” são os últimos trabalhadores a chegar à vinha, mas que foram os primeiros a serem pagos. Estes últimos usufruem do mesmo direito dos primeiros à bondade e à graça de Deus. Os “últimos” que Jesus tinha em mente seriam os cobradores de impostos, as prostitutas e outros marginalizados pelo sistema religioso dos rabinos do primeiro século. Estes “pecadores” responderam ao apelo de Jesus à conversão e, assim, têm



todo o direito de integrar o Reino de Deus. Os “primeiros” representam, para Jesus, os Judeus que foram desde sempre observadores dos preceitos religiosos, como os escribas e os fariseus, e que julgam serem os únicos a terem o direito a herdar o Reino de Deus. Estes também poderão herdar o Reino de Deus, mas devem aceitar que a sua recompensa não será maior do que aquela que receberão os marginalizados que aceitarem o chamado de Jesus ao arrependimento.

A lição espiritual da parábola

O que podemos aprender em termos espirituais com esta pará-

bola dos trabalhadores na vinha? O senhor da vinha apresentado pela parábola representa, sem dúvida, Deus. A vinha representa Israel. A vindima representa o juízo final e a entrada no Reino de Deus. Os trabalhadores da primeira hora representam os fariseus e os escribas que colocaram a sua vida ao serviço de Deus para ganharem a recompensa final no Reino. Os trabalhadores da última hora simbolizam os marginais do sistema religioso rabínico que aceitaram o apelo de Deus, feito na pessoa de Jesus, para se colocarem ao Seu serviço. Por meio desta parábola, Jesus pretende anunciar a boa-nova da maravilhosa graça de Deus para com os pecadores. Ela ilustra a bondade e a generosidade de Deus no Seu trato com os seres humanos. Ao contar esta parábola, Jesus quer fazer-nos ver que a recompensa dada aos homens no Reino de Deus é a mesma para todos aqueles que aceitem o chamado para o Reino. Os escribas e os fariseus, que dedicaram toda a sua vida ao serviço de Deus, não têm maior recompensa do que os marginais religiosos que aceitam o chamado do Evangelho de Jesus à última hora. Dado que a salvação de todos os homens – mesmo dos escribas e dos fariseus – depende inteiramente da graça divina, Deus é completamente livre para proceder da maneira que achar melhor. Deus é como o patrão da parábola, cheio de generosidade e de compaixão para com aqueles que não têm qualquer mérito “religioso”, mas que, em última análise, estão dispostos a servi-l’O. Como o patrão da parábola, Deus quer dar, pela Sua graça, uma plena recompensa àqueles que aceitam servi-l’O à última hora.

Assim, esta parábola expressa a posição de Jesus sobre a salvação e sobre o direito ao Reino de Deus dos marginalizados pelo sistema religioso judaico. Ela indica a ge-

nerosidade de Deus como motivo para crer que mesmo aqueles que são considerados como pecadores pelos escribas e fariseus têm direito ao Reino de Deus, desde que respondam ao chamado ao arrependimento proclamado por Jesus. Para Cristo, existe um equilíbrio entre a justiça e a misericórdia de Deus no juízo final. Os “primeiros” receberão pelo seu serviço o justo salário que tinham acordado com o senhor da vinha, isto é, recebem a sua parte no Reino de Deus pela sua dedicação ao serviço do Senhor. Os “últimos” recebem o mesmo salário – a salvação – somente devido à misericórdia de Deus, que aceita a sua conversão na última hora. Deus age assim para com os homens porque Ele é bom, generoso e compassivo. A Sua justiça no juízo final não seguirá o critério do benefício que cada um de nós pôde realizar durante a nossa vida, mas sim o critério da misericórdia de que todos nós necessitamos para herdar a vida eterna.

Deste modo, nesta parábola dos trabalhadores na vinha, vemos a profundidade e o alcance da misericordiosa graça de Deus. Esta maravilhosa graça está também ao nosso alcance. Ela chama por nós. A única coisa que nunca devemos fazer é pensar que podemos, pelos nossos méritos, ganhar, merecer ou comprar a graça salvadora de Deus. Queremos “pagar” a Deus a nossa parte no processo da Salvação é absolutamente insultuoso e rude. Devemos simplesmente aceitar, agradecidos, a graça que Deus nos concede, e pela qual podemos herdar a salvação e a vida eterna, sem pensarmos que as podemos comprar com os nossos méritos. Amigo, aceite de coração a graça salvadora de Deus na sua vida. Verá que nunca mais será o mesmo!✠

• Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

Faz a tua parte

O Tomás estava ansioso por colocar aquela sementinha no vaso. A mãe explicou-lhe que, se ele cobrisse aquele feijão com terra, o colocasse ao sol e o regasse, ele iria crescer, transformar-se numa planta forte e dar muitos outros feijões.

– Mas, como é que podemos ter a certeza de que isso vai acontecer, mamã? – perguntou o Tomás, curioso por compreender como tudo aconteceria.

A mamã respondeu:

– Esta semente é uma planta em potência. Deus criou a Natureza de forma a que as plantas possam nascer e reproduzir-se de uma forma maravilhosa! Se cuidares desta sementinha, dando-lhe o que ela necessita, sabes que fizeste a tua parte. Depois, só tens de confiar que o resto vai acontecer como esperas.

Poucos dias depois, o Tomás ficou muito feliz, quando viu um pequenino caule verde, da nova plantinha, a aparecer no meio da terra.

Amiguinho, este mês faz a tua parte: Obedece aos teus pais e professores, cuida da tua saúde e esforça-te na escola. Depois, confia que tudo correrá pelo melhor!



Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

fev 2013 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
27	28	29	30	31	1 Acabe (I Reis 16:29-34; 20:1-21:29).	2 Tiago 3:17 Memoriza um novo versículo da Bíblia.
3 Salmo 102:26	4 João 14:3 	5 Mateus 10:8	6 Mateus 24:45 Faz uma boa ação.	7 Salmo 100:5	8 Elias (I Reis 17:1-19:18). Revê a lição da Escola Sabatina.	9 João 9:5 Lê um livro diferente hoje.
10 Mateus 9:2	11 Marcos 6:56	12 Deuterónimo 12:18	13 Isaías 54:10 DIA MUNDIAL DA RÁDIO 	14 Salmo 62:8 	15 Eliseu (II Reis 2, 4, 6).	16 Mateus 11:30 Lê um capítulo da Bíblia ao teu gosto.
17 Salmo 141:4 Passeia na Natureza.	18 Jeremias 33:3	19 Génesis 15:1 	20 Salmo 119:76	21 Mateus 12:20	22 Geazi (II Reis 5).	23 João 17:10
24 Lucas 15:18	25 Jeremias 3:19	26 Isaías 43:25 Ajuda a regar as plantas em casa.	27 Mateus 4:10	28 II Coríntios 3:5		2

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não temos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

A voz na estrada

A minha mulher e eu gostamos de explorar velhas estradas e trilhos no nosso *jeep* com tração às quatro rodas. À partida para estas aventuras oramos, pedindo a proteção de Deus. Sejam as nossas orações invocações formais ou apenas pedidos breves e silenciosos, Deus tem-nos mantido sempre em segurança. Às vezes, temos tido a percepção imediata da proteção de Deus; noutras ocasiões tomamos consciência dela mais tarde. É provável que, muitas vezes, nós nem sequer percebamos que estávamos em perigo. No entanto, numa ocasião, eu tive o privilégio de ouvir a voz de Deus – ou, talvez, do meu anjo da guarda.

Uma manhã, a Karen e eu, juntamente com alguns amigos, estávamos a explorar uma região mineira há muito abandonada nas montanhas Chuckwalla, no deserto do Colorado, que fica no Sudeste da Califórnia. Localizada a norte do pouco conhecido e ainda menos visitado Gulliday Well, era uma área particularmente remota.

Nós saímos do trilho de Bradshaw, uma estrada de terra batida recomendada apenas para veículos com tração às quatro rodas, para um traçado com dois sulcos pouco frequentado que, em alguns pontos, era pouco visível. Tínhamos progredido apenas quatro ou cinco quilómetros ao longo desta estrada quando ela desapareceu repentinamente sob uma camada espessa de entulho que tinha, evidentemente, sido arrastado das montanhas Chuckwalla, pelas águas da chuva.

Apesar do entulho, os contornos gerais da paisagem não tinham mu-

do, e eu pensei que me lembraria deles o suficiente para poder continuar em frente sem me perder. Ambos os veículos tinham tração às quatro rodas e estavam também adequadamente equipados em todos os aspetos.

Quando chegámos a Gulliday Well tínhamos deixado para trás o entulho e gozávamos da vista ao longo da estrada. As flores silvestres estavam a florir e fizemos frequentes pausas para tirar fotografias.

Nós conduzámos o *jeep* ao longo da extremidade de um ribeiro seco de aluvião bastante profundo e estávamos a aproximar-nos de uma curva quando o que eu interpretei como sendo uma voz audível disse: “Para!” Foi expresso como uma ordem, pelo que eu parei. Quase imediatamente senti-me embaraçado, porque a Karen era a única pessoa que estava no *jeep* comigo e a voz souou como a voz de um homem. Eu não podia realmente afirmar que tinha ouvido um som real; no entanto, tinha sido muito mais do que apenas um pensamento. Olhando à minha volta não vi ninguém, exceto os nossos amigos que se aproximavam por de trás de nós no seu *jeep*.

“O que se passa?”, perguntou a Karen.

Eu murmurei de modo fraco: “Pareceu-me ter ouvido algo.”

Nós começámos a avançar novamente. A estrada à nossa frente fazia uma curva à esquerda sobre uma íngreme elevação de um metro, que conduzia a uma saliência na extremidade do ribeiro seco. Nós já tínhamos ali estado várias vezes, pelo que sabíamos o que esperar. Tínha-

mo-nos movido para diante numa curta distância, até que a dianteira do nosso veículo quase tinha atingido o cume da elevação, quando eu ouvi de novo a voz: “Para, agora!” Desta vez a ordem soou-me não só urgente como autoritária. De novo eu parei. No entanto, não conseguia ver nada da estrada que estava diante de nós, porque o meu ângulo de visão estava bloqueado pelo *capot* do veículo.

Não conseguia sair. Nós estávamos estacionados perto de mais de um afloramento de rocha sólida do lado do condutor para que eu pudesse abrir a minha porta. Pelo que pedi à Karen: “Importas-te de verificar a estrada que está diante de nós?”

A Karen abriu a sua porta e saiu, mas não caminhou para diante. Em vez disso, ela disse de modo ofegante: “Oh!”, e voltou para dentro do veículo. “Não há mais estrada diante de nós”, disse ela.

Depois de recuarmos um pouco, fomos verificar a estrada de modo mais cuidadoso. Ela terminava abruptamente num declive vertical de 10 metros.

Nós colocámos algumas pedras na estrada como aviso para os condutores de outros veículos e fizemos o caminho de regresso ilesos.

Eu tenho-me interrogado frequentemente acerca da voz que ouvi duas vezes naquele dia. De quem seria? Eu creio que sei a resposta: “O anjo do Senhor acampa-Se ao redor dos que O temem e os livra.” (Salmo 34:7).

Serei sempre grato pela voz que nos livrou do perigo. ❖

• Delmer G. Ross



• VISITE O SITE DA SUA PUBLICADORA •

www.publicadora-servir.pt



COMPRE ONLINE



*Meditações
Matinais 2013
Apocalipse
O Evangelho
de Patmos*
Jon Paulien

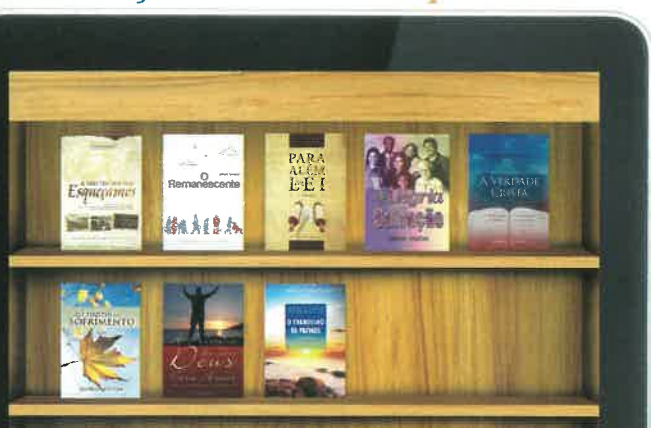


*A Verdade
Cristã*
Ernesto Ferreira



Coleção "O Grande Conflito"
Ellen G. White

Conheça os e-books disponíveis!



• VISITE •

 **iBooks** 

Siga a Publicadora SerVir
nas **redes sociais!**

 twitter.com/PSerVir

 facebook.com/PSerVir